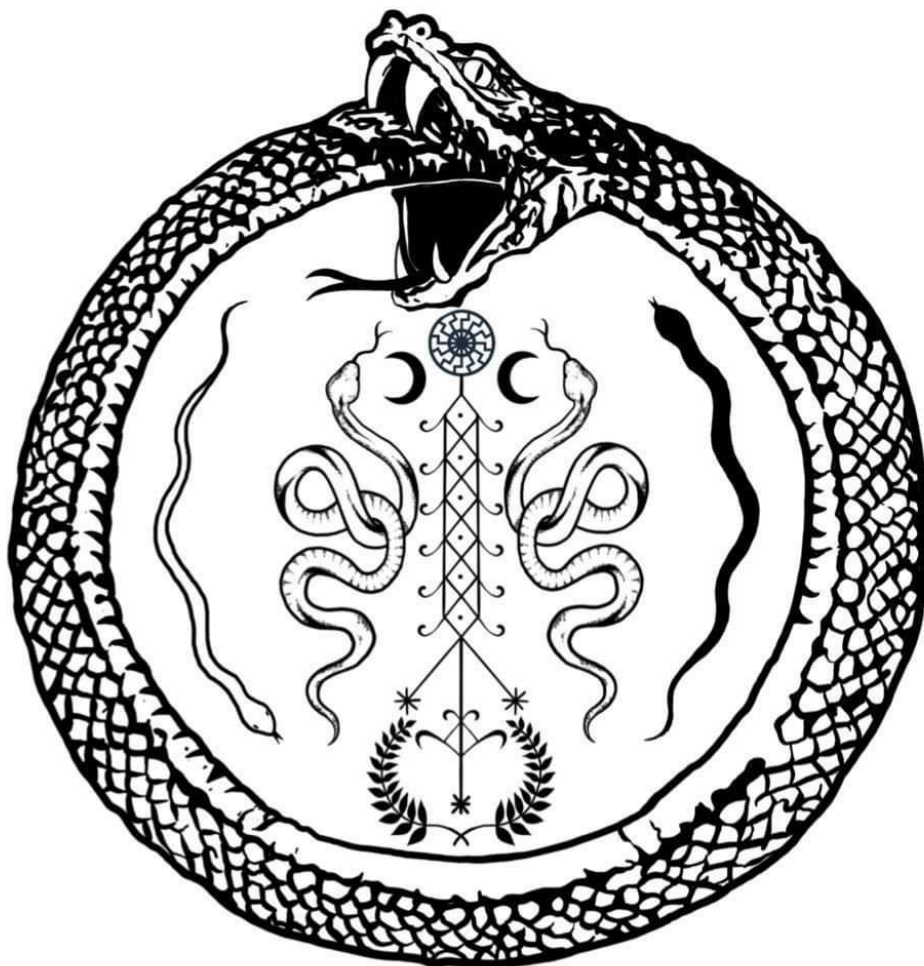


NINHO DA SERPENTE

SOSYETE VODOU DEKA – Vodou Sob a Ótica Pagã



MÓDULO 11

Curso Vodou

AS CERIMÔNIAS VODU

RITUAIS, CERIMÔNIAS E PRÁTICAS DO VODU

Houngan Alexandhros, Houngan Sasse e Mambo Aveline

vodubrasil@hotmail.com

ÍNDICE

Apresentação da Aula – 3

As Cerimônias e Rituais – 5

Ritual Vodou para Limpar e Purificar a Casa ou o Templo – 6

Opening: O Ritual de Abertura – 7

O Parterre: O ritual Vodou de Marie Laveau – 10

Ritual para Alimentar as Loas Rada na Páscoa – 12

Ritual para Alimentar as Loas Petwo na Véspera de Natal – 13

Ritual de Ação de Graças – 14

Ritual de Lavagem de Cabeça para Purificação – 17

Ritual de Lavagem de Cabeça para Acalmar a Loa Mèt Tèt – 19

Ritual de Lavagem de Cabeça para limpeza Espiritual – 20

Ritual de Lavagem das Mãos para o Jogo de Sangoma – 21

Lave Tèt: O que é um Lave Tèt e o que Acontece nele? – 22

Gad e o Gad Migan – 24

Maryaj Lwa: O Casamento com a Loa – 26

Manje Yanm: O Ritual Sagrado do Inhame – 27

Saint John's Eve: Dia das Rainhas e Reis do Vodou – 28

Fèt Ghede: o Dia dos Mortos – 30

Pris de Je: o Ato de Ver os Espíritos – 32

A Incorporação dos Espíritos – 34

Bak Agwe – 35

APÊNDICE – 39

As Loas Menores – 39

A Parafernália do Vodou – 45

A Hierarquia e os Membros do Vodou – 49

Cozinha Sagrada – 55

Tchaka – 56; Griot – 58; Soup Joumou – 60; La Bwi Bannann e Akasan – 62; Café de coco para Legba e Azaka – 64; Bife Para as Loas Petwo – 65; Ugali (Nsima) – 66; Diri Olè – 67; Sos Ti Malice – 68; Diri Ak Pwa – 69.

APRESENTAÇÃO DA AULA

O Vodou é uma religião repleta de cerimônias que vão desde simples ritualísticas, que poderão ser feitas por qualquer Voduísta com conhecimento das Loas, à rituais longos, complexos e podem durar até dias para ser completado, estes somente permitidos aos iniciados. É importante que o Sevitè, para estar completo dentro de sua prática religiosa, conhecer a ritualística, para que possa ter um maior contato com as Loas e uma ligação mais profunda com a religião. A magia do Vodou é cerimonial, ou seja, cada posição, cada gesto, cada palavra, tudo está conectado e juntos formam a cerimônia Vodou. O Sevitè, como um Voduísta, também faz rituais e cerimônias, pois o Sevitè é parte fundamental do corpo do Vodou, são eles quem poderão se tornar um iniciado no futuro. Existe uma diferença entre essas duas palavras, RITUAL e CERIMÔNIA, que muitas vezes são usadas de forma intercambiável. Ritual normalmente tem a finalidade de causar um efeito na realidade a minha volta, por isso temos rituais de cura, de amor, de prosperidade, de limpeza, de proteção, etc. Já a Cerimônia tem como objetivo louvar um ou mais deuses, como uma forma de comunhão e manter esses deuses ao nosso lado, aumentando assim nossa ligação, afina de contas, Vodou não é só pedir e pedir, sem dar nada em troca aos deuses.

Quando discutimos sobre ritualística, é algo muito fácil de fazer, em momentos que precisamos realmente da intervenção dos deuses para que eles possam mudar nossa realidade naquele momento ou para que possam manter uma sorte que já está sobre nós. Mas quanto ao cerimonial, este pode ser um pouco mais complicado, pois algumas cerimônias seguem uma data específica, e o calendário Vodou é cheio de problemas, existindo uma grande variedade. Para mim, que não gosto de usar o calendário católico para meu culto às Loas, eu encontro uma enorme dificuldade, pois eu acabo saindo da lógica Vodou mais tradicional, o que não me incomoda nenhum pouco. O maior problema dos novatos em uma religião como o Vodou é a preguiça de fazer os rituais e cerimônias, querem ir sempre pelo caminho mais rápido. Outro problema muito frequente e que vejo as Loas se afastando dessas pessoas é que elas veem o Vodou como uma religião realizadora de pedidos, como uma lâmpada mágica. Pedem o tempo todo, pedem por coisas até muito banais, e nunca querem dar nada em troca. As Loas pensam, sentem, agem independentes de vocês ou de mim ou de qualquer outra pessoa. Vejo muitos Houngans e Mambos se intitulando como donos do Vodou e das Loas, e eu penso que é prepotência demais. Na verdade somos meros intermediários, cheios de falhas. Se você quiser ser um bom Voduísta, comece deixando bem claro que não somos donos das Loas, elas têm vontades próprias. Também faça rituais e cerimônias, mostre sua devoção às Loas, elas apreciam esse contato e isso mantém a relação entre vocês muito fortalecida. As Wangas são poderosas e muito úteis, não estou aqui dizendo que não devemos usar elas e muito, não estou afirmando que o Vodou não tem feitiços, pois ele tem e centenas de milhares deles. Mas o que faz essas wangs funcionarem está muito além de nossa vontade.

Por isso, quando você fizer um ritual ou uma Wanga de Ogou, tenha certeza de que você tem sido devotado a Ogou. O mesmo vale para qualquer outro espírito dentro do Vodou. Se você nunca teve qualquer contato com os Ghedes e quiser pedir cura a eles, poderá ser ignorado, pois os Ghedes podem se questionar quem sobre é você. É por isso tudo que esta aula vai tratar de Cerimônias e Rituais, e é por isso tudo que somente a 13ª apostila é vai falar sobre as Wangas, pois foram três meses para terem contato com as Loas, de forma a manter alguma relação. Nesta apostila, vocês terão todos os meios completos que qualquer Sevityè pode usar para fortalecer sua relação com as Loas. Estes rituais são sérios e são feitos pelos Voduístas de todos os níveis, inclusive por Houngans e Mambos. Não tenha preguiça se você realmente quer fazer parte do Vodou. Sei que a esmagadora maioria de vocês tem ignorado boa parte do que foi ensinado na apostila 3, normalmente por preguiça e fazer tanta coisa, sendo que é muito mais fácil oferecer aos deuses e tudo bem! Cada detalhe do Vodou tem um motivo, nada está ali para ser simplesmente bonito de se assistir. Para quem não está acostumado, todas aquelas cores, desenhos, bebidas, velas, músicas, danças, tudo parece um verdadeiro Caos. Mas tudo tem um sentido, cada movimento conta uma história, cada canção é também uma oração, até mesmo os tombos são significativos.

Algumas pessoas superestimam o Vodou, outras o subestimam baseados na sua aparente simplicidade. Mas o certo é sempre vê-lo com equilíbrio, como uma religião completa em si, nem melhor que nenhuma outra, nem pior. A única coisa que eu posso afirmar sobre o Vodou é: ou você o ama, ou você não gosta de forma alguma. Nos EUA usamos no meio Vodou o termo inglês **Voodoo Children**, que deve ser traduzido como *Filhos do Vodou*. São como filhos perdidos, que as Loas chamam de volta através dos meios mais insanos do mundo. Um Filho do Vodou pode ter nascido do outro lado do planeta, mas as Loas vão dar um jeito de chama-la de volta. Cada templo forma uma família em si, e todos os templos formam um só Vodou, com diferentes expressões, mas uma só unidade. O que fortalece isso são as cerimônias. Elas têm o poder de unir todas as famílias Vodou, onde quer que elas estejam. Mas as cerimônias possuem também o poder de chamar seus filhos perdidos, para tentar ligar eles a nós e trazê-los de volta ao seu berço. O chamado do Vodou é incontrolavelmente forte, impossível de fugir. Tem o poder de nos arrastar até ele, no momento certo, mas das formas mais inimagináveis. Os que são apenas curiosos, que não são verdadeiros Voodoo Child (forma singular), cairão pelo caminho, desistirão nos primeiros obstáculos, vão rir até de nossas garrafas coloridas, nossas oferendas simplórias e de nossas canções cheias de folclore. O Vodou sabe, como nenhuma outra religião, como filtrar o escolhido do profano. Poucos desse curso são verdadeiros Filhos do Vodou, outros já caíram pela estrada de três meses, outros ainda cairão. Isso não é ruim, todos têm seu espaço dentro do Vodou, mas nem todos terão suas portas abertas por Legba, e este curso alcançou seu objetivo maior, que foi filtrar as pessoas.

Houngan Makout Alexandhros

AS CERIMÔNIAS E RITUAIS

“O Vodou é uma religião mais que completa e capaz de alimentar o físico e a alma de qualquer ser humano na terra. No Vodou, nada falta, chega a sobrar para ser dividido para quem quiser recebe-lo com amor.” (Mambo Odette)

São muitas as cerimônias do Vodou e são também complexas. Entre as cerimônias e rituais mais proeminentes, podemos citar o **Lave Tèt**, uma lavagem da cabeça que é muitas vezes o primeiro ritual que os novos convertidos obrigatoriamente passarão em uma Fanmi física. O ciclo de cerimônias iniciáticas que começa com um **Lave Tèt**, depois o **Gad, Kanzo Semp, Sipwen e Kanzo**, que é a última iniciação Vodou. Outro ritual, muito polêmico, é o **Maryaj Lwa**, que tende a unir um Servo com uma Loa, através do casamento espiritual de ambos, após a Loa em questão manifestar seu interesse pelo casamento. No final da vida vem uma série de cerimônias de morte como o **Dessounen, Anba Dlo** ou **Bohoun**, e **Retire Mò nan Dlo**. Existiu até um quarto ritual de morte, conhecido como **Canari**, raro no Haiti moderno e que sempre foi incomum fora do norte do país. Cerimônias comuns adicionais ainda incluem um batismo conhecido como **Batèm** que é realizado alguns meses após o nascimento de uma criança; os festivais dos santos católicos romanos e suas Loas correspondentes, chamados de **Fèt**; e aqueles que envolvem adivinhação e magia, tratados aqui como rituais. No Haiti e nos Estados Unidos as cerimônias diferem de região para região e às vezes entre Hounfòs individuais. São tantas cerimônias e rituais no Vodou que seria impossível falar sobre todos, então vamos discutir somente sobre os mais importantes e praticados por todos.

O Vodou do Vale do Mississippi incluiu, ao longo dos tempos, suas próprias cerimônias. Embora fossem consideravelmente menos bem documentados do que os homólogos haitianos, vários rituais distintos podem ser identificados, sendo dessa forma sua maior diferença do Vodou do Haiti. A primeira diferença entre esses Vodous pode ser a cerimônia de iniciação, que no início tinha suas próprias formas e atualmente estão mais próximas do ideal praticado no Haiti, apesar de manter alguns elementos próprios do Vodou dos EUA. A iniciação Vodou nos EUA era ainda mais secreta que no Haiti, pois somente iniciados mais antigos podiam acompanhar o processo todo. Outro rito comum somente aos EUA é a cerimônia anual de **St. John's Eve** (Véspera de São João), que é realizada desde a segunda metade do século XIX ao longo das margens do lago Pontchartrain, entre os dias 23 e 24 de Junho. As sacerdotisas e sacerdotes também realizavam – e ainda realizam – cerimônias semanais em casas particulares. Esses rituais eram mais conhecidos como **Parterres**, um termo que se refere à prática de oferecer ofertas aos espíritos. O termo Parterre provavelmente era usado com um sentido geral descrevendo as cerimônias Vodou como um todo. Marie Laveau também teria realizado rituais chamados de **Ensaio**, embora a função destes seja desconhecida. Assim como no Vodou haitiano, a magia também incluía importantes

aspectos cerimoniais, que variaram enormemente dependendo do tipo de trabalho a ser feito. É talvez o passo mais assustador na prática do Vodou passar da teoria ao trabalho ritual real. Isso pode ser como uma via de duas mãos para algumas pessoas, pois você não pode experimentar o Vodou sem fazer o ritual, mas você não pode fazer rituais até que tenha experimentado as cerimônias. Vodou é sobre praticar, não dá para simplesmente ler um livro e sair por aí se dizendo Voduísta. Vodou é colocar a mão na massa e se sujar de verdade, mesmo com erros e acertos, é disso que se trata nossa religião. O Vodou é vivo e dinâmico, tudo nele precisa seguir esse mesmo raciocínio.

Você pode se sentir bobo, estranho ou até com medo no início, pois gestos, posturas, palavras e, às vezes, até sensações, podem te fazer se questionar sobre se está certo ou não. Mas isso é Vodou, uma religião cerimonial e cheia de teatralização, que mostram nosso respeito aos deuses. Permita-se aprender enquanto cresce até que a estranheza e o medo deem lugar à confiança e à graça. É muito importante sabermos criar essa relação de confiança entre nós e as Loas. Cada pequeno gesto é observado por elas, que com certeza ficarão felizes em te ver tentando acertar os passos. Comece devagar, mesmo sem muito jeito e com pequenos erros. Deixe que os espíritos te moldem conforme você vai pegando a prática. Se por um lado os rituais e cerimônias ajudam a nos aproximar dos deuses, por outro, eles ajudam a mudar nossa vibração pessoal separando-nos do profano e nos abrindo ao sagrado. Uma boa maneira de começar o trabalho ritual é limpando e purificando sua casa e tomando um banho de limpeza ritual.

RITUAL VODU PARA LIMPAR E PURIFICAR CASA OU HOUNFÒ

Existem várias fórmulas para fazer uma solução de limpeza de casa. Uma receita tradicional começa com um grande balde de água, no qual você adiciona:

Uma garrafa de rum ou vodca, qualquer um, até o mais barato.

Uma garrafa de álcool comum.

Um perfume qualquer, cerca de 3 borrifadas.

Três claras de ovos.

Uma garrafa de Florida Water. (Caso não tenha, pode excluir esse item sem problemas)

Cascarilla (casca de ovo triturada, não é para este banho, é para ser usada no final, seca).

Primeiro, faça uma “vassoura” de ramos de cânfora, ou qualquer ramo muito frondoso que esteja disponível em sua área. Mergulhe esta vassoura na solução de limpeza.

Começando na parte de trás da casa e avançando, agite a vassoura por todo o mobiliário e nos cantos de cada quarto. Bata a vassoura com força em todas as portas e vá pedindo para que a negatividade saia da sua casa. Quando você chegar à frente da casa, chacoalhe bem a vassoura e coloque-a dentro de um saco de lixo preto e deixe do lado de fora, na calçada. Volte para dentro de sua casa, defume o lugar da frente para os fundos com olíbano (franco incenso) até que o ar esteja cheio de fumaça perfumada, por fim, abra todas as portas e janelas e deixe a fumaça se dissipar. Após a limpeza da fumaça, coloque pequenos espelhos em todas as portas da sua casa, de frente para fora. Use a cascarilla ou um giz branco para fazer X no chão, do lado de fora de todas as portas para fortalecer a proteção. Tome um banho de arruda, da cabeça aos pés, para fechar o ritual. Você pode usar esse método para limpar sua casa, templo ou emprego a cada três meses.

OPENING

O RITUAL DE ABERTURA

No Vodou haitiano, o termo Abertura pode se referir a cerimônias realizadas no início dos ritos dedicados às Loas. Papa Legba, o guardião das encruzilhadas entre o mundo habitado pelas pessoas e o reino habitado pelas Loas, é chamado a abrir o caminho daqueles que procuram entrar em contato com os deuses, buscar por ajuda ou ser possuído pelos espíritos e Loas. São sempre rituais caracterizados por danças e músicas específicas usadas para evocar Legba e as demais Loas, sacrifícios também podem ser comuns, e o uso de vèvès para as Loas daquele ritual em particular, assim como o vèvè de Legba, para fazê-lo “abrir os portões” para que possamos iniciar uma cerimônia Vodou.

O termo Abertura (Opening) no contexto do Vodou Americano frequentemente se referia a uma iniciação realizada dentro do Vodou dos EUA. Essas Aberturas foram observadas na década de 1930 e tiveram seus trabalhos documentados por pesquisadores do Projeto dos Escritores da Louisiana, apoiados pela Works Progress Administration (WPA). Em uma sala sem mobília, os Servos colocavam o altar no chão. O altar era bastante simples, baseado em um pano branco do tamanho de uma superfície de mesa colocado no chão. O pano era adornado com uma imagem de São Pedro, que é um dos Santos sincretizados com Legba, velas de várias cores e muitos sacrifícios, incluindo sidra, refrigerante, álcool, açúcar e vários itens alimentícios - frutas e especiarias cruas, assim como pratos cozidos como feijão, arroz e bolos. Pesquisadores documentaram que os Servos que realizavam a iniciação começavam a bater no chão três vezes e fazer com que seus convidados fizessem o mesmo enquanto oravam em francês. Então eles começavam a dançar em círculo enquanto bebiam grandes quantidades de álcool. Iniciações descritas pelo autor e etnógrafo Zora Neale Hurston também envolviam cobrir o rosto do iniciado e também tomar diversos banhos em uma variedade de substâncias, vestindo roupas especiais e se deitando

sozinho por longos períodos de tempo. Normalmente, os iniciados costumavam passar por várias aberturas, destinadas a prepará-los para diferentes práticas Vodú. Os que queriam se especializar em trabalhos para amor costumavam passar por uma Abertura diferente dos que desejavam se especializar em causar danos ou morte. Uma das aberturas mais distintas relatadas pelas pesquisas foi a chamada "Abertura do Gato Preto" (é só um nome, não envolve a morte do bichano) necessária para iniciar um praticante em práticas rituais de alta magia negra, ainda hoje conhecida no meio Vodú dos EUA.

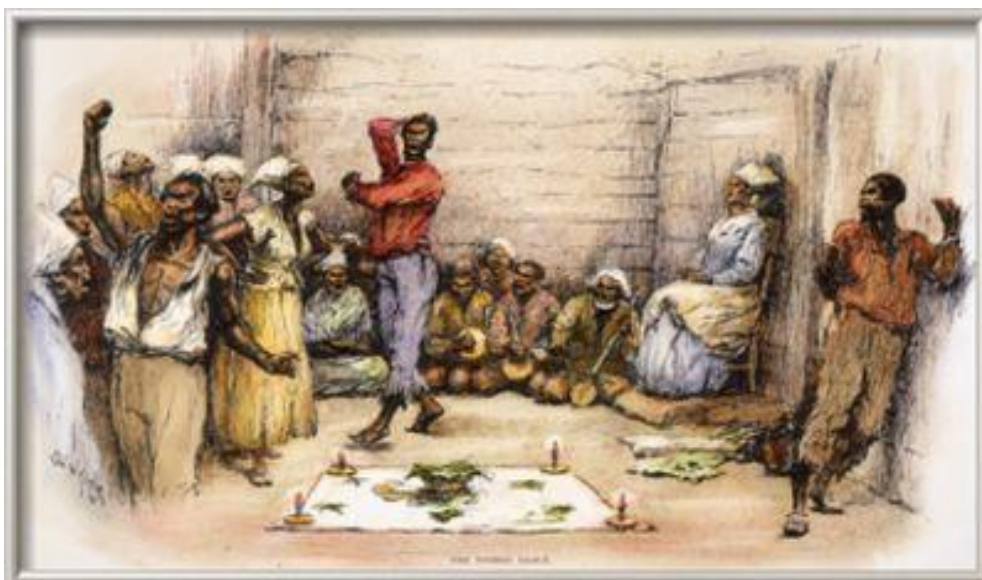
Embora houvesse uma variedade de Aberturas documentadas em Nova Orleans, alguns Vodúístas encaminhavam potenciais iniciados a outros colegas, sugerindo que nem todos eles eram qualificados para fazer ou se sentiam à vontade para realizar determinadas Aberturas. Isso pode sugerir que essas iniciações, em si e por si mesmas, eram a perícia de alguns e não uma prática universal entre os adeptos do Vodú da Luisiana. Os Vodúístas em Nova Orleans eram pagos por sua participação em uma Abertura e frequentemente se ofereciam para ajudar novos iniciados em seus futuros empreendimentos como praticantes do Vodú, fornecendo listas de suprimentos necessários e os conectavam com os fornecedores e outros profissionais da cidade. Isso sugere que as Aberturas na década de 30 eram um assunto secreto, e tinha como principal objetivo manter uma Fanmi Vodú bem grande, unida, e disposta a iniciar muitos e muitos adeptos. Inclusive, há relatos de pessoas famosas da época, inclusive atores, atrizes e pessoas influentes de Hollywood que passaram pela "Abertura" nos rituais Vodú.

Atualmente, entretanto, o termo Abertura, ou Opening em inglês, é comumente usado apenas para o Ritual de abertura de uma cerimônia Vodú, qualquer que seja ela. Somente o Ritual "Abertura do Gato Preto" ainda é de conhecimento de alguns Houngans e Mambos, que fazem com a finalidade de iniciar alguém na magia negra Vodú. O Ritual de Abertura no Vodú começa com os membros da Sosyete trabalhando muito antes que todos os convidados cheguem para assistir. Alguns estarão concentrados nas comidas, outros estarão fazendo a limpeza física do ambiente e outros ainda preparando os banhos rituais. O próximo passo, antes de tudo começar, é todos tomarem seus banhos Vodú, e se dirigirem para o espaço sagrado, onde o Houngan e outros Membros estarão riscando os Vèvès. Será riscado o Vèvè de Legba, Marasa, Simbi, Loko e Ayizan, embora isso possa variar de templo e de ritual. O vèvè da (s) Loa (s) que será louvada também será desenhada, ativada e iluminada. Como é um processo muito demorado, comumente fazemos tudo isso muito antes de todos chegarem para a cerimônia. Com todos os convidados presentes, a Abertura começa com o Priye Ginen, que é uma reza feita para todos os espíritos e ancestrais. Essa reza varia bastante entre os templos, a maioria tem base católica, mas outros como o usado no Ninho da Serpente, menciona somente os deuses do Panteão principal. Após o Priye Ginen, primeiro espírito a ser louvado com músicas, danças e cumprimentos,

sem exceção, é Papa Legba nos cultos Rada ou completos, e Kalfou nos cultos Petwo. Após no mínimo três canções serem oferecidas à Legba (ou Kalfou), seguirá então uma ordem de chamada de todas as Loas do Panteão tradicional e comum, já estudado por vocês. A ordem da chamada dos espíritos é secreta, somente ensinada dentro do Djevo. Sem revelar a ordem, a chamada começa com os Radas (Vida) e termina com os Ghedes (Morte). Não é raro os Ghedes surgirem em qualquer ponto da cerimônia, mesmo sem ser chamado, o que causa muito transtorno e enfarta qualquer Houngan ou Mambo, que deve correr atrás deles para mandá-los de volta. Se tudo correr bem, sem os atrasos causados pelos Ghedes, a cerimônia segue sua ordem, sendo cantadas três músicas para cada Loa, passando pelas principais Nações. Normalmente, quando se canta para determinada Loa, os filhos daquela entidade começam a manifestar seus espíritos, que vêm para dançar e ajudar os presentes, ou só passam rapidamente e vão embora. O Ritual então termina, após um longo período, com rezas destinadas aos espíritos e palmas de todos, para agradecer a presença dos deuses. Se o Ritual for para uma Loa específica, a ritualística segue quase o mesmo padrão, mas com total ênfase naquela Loa a ser louvada. Apesar das regras mencionadas sobre a abertura com o Priye Ginen, vèvès e Legba, algumas coisas podem diferir entre os diferentes Templos, sem perder a essência base.

O PARTERRE

A Cerimônia Vodou de Marie Laveau



Edward Windsor Kemble – Voodoo Dance (Parterre de uma iniciada de Laveau) 1884

O Parterre, também conhecido como "layout", era o nome de algumas das cerimônias do Vodou do Vale do Mississippi muito antes da influência haitiana. A palavra descreve a prática comum de fazer oferendas às divindades sobre um tecido branco. Esses serviços aconteciam nas casas dos Voduístas, às vezes chamados de praticantes de Hoodoo. Embora os locais específicos das cerimônias variassem, eles ocorriam predominantemente no subúrbio afro-americano de Nova Orleans, conhecido como o Faubourg Tremé. A palavra Parterre parece até certo ponto ser geral para todos os tipos de oferendas a serem feitas naquela época. Enquanto muitas outras cerimônias distintas já existiam - incluindo uma variedade de Aberturas (Openings) e as festividades anuais da Festa de São João - muitas delas incorporavam Parterres. Na maioria das vezes, porém, os Parterres tendiam a serem assuntos privados para congregações Vodou individuais ou mesmo para certos indivíduos.

Na maioria das vezes, o termo Parterre aplicava-se a trabalhos Vodou semanais mantidos por Marie Laveau e outras sacerdotisas (Rainhas) Vodou. De acordo com a biógrafa de Laveau, Carolyn Morrow Long, que examinou os relatos das cerimônias de Vodou compiladas pelo Projeto dos Escritores Federais (FWP) durante a década de 1930, elas apresentavam vários elementos recorrentes. Por exemplo, elas incluíam **cantar em coro e dançar**, acompanhados de música instrumental. Na época de Marie Laveau, o instrumento de escolha era um acordeão, pelo menos para algumas dessas cerimônias. Além da presença de música, um relato coletado pelo FWP sustentava que certos alimentos sempre apareciam, entre eles, **um prato de arroz e feijão-fradinho ou feijão vermelho conhecido como congris, pimentão vermelho, maçã e laranja.**

Estes eram apropriadamente **colocados sobre uma toalha de mesa branca estendida no chão da casa em que a congregação se encontrava. Em cada canto do pano havia uma vela acesa.** As roupas de Laveau e seus colegas de trabalho variavam, dependendo das finalidades das reuniões. Laveau se sentaria em uma cadeira enquanto presidia a reunião, com evocações, canções, rezas e até oráculos.

Uma ilustração de Edward Windsor Kemble intitulada “Voodoo Dance” parece confirmar as representações dos rituais coletados durante a década de 1930, mas que já eram praticados há mais de cento e cinquenta anos. A cena, que é baseada em parte em uma descrição dada por Cable no texto, retrata um parterre de São João de 1884 que supostamente ocorreu em uma cabana de pescadores ao longo do Lago Pontchartrain. A presidir a cerimônia é uma mulher sentada, uma das sucessoras de Marie Laveau (carece de fontes). Diante dela estão vários dançarinos e uma combinação de coro e banda. Ao contrário das cerimônias descritas pelas anotações do Projeto dos Escritores Federais, não há acordeão presente. Em vez disso, os membros do grupo tocam em pequenos tambores e um instrumento que Cable descreveu como um cruzamento entre um banjo e um violino. Os dançarinos parecem estar se movendo em torno de um pano quadrado sobre o qual há oferendas de comida. Em cada canto do pano está uma vela. Apesar da escolha de instrumentos, esses relatos de cerimônias são quase idênticos entre os diferentes estudiosos. A ilustração de Kemble é particularmente significativa porque apareceu em “Creole Slave Songs”, da George Washington Cable, que a Century Magazine publicou em abril de 1886, quase cinquenta anos antes da criação do Projeto dos Escritores Federais (FWP).

Apesar de um declínio gradual na prática do Vodou durante o final do século 19 e início do século 20, os parterres continuaram a ocorrer nas casas dos fiéis. De fato, os relatos mais detalhados de tais cerimônias foram registrados em 1936-1937 por funcionários do FWP. Duas cerimônias distintas ocorreram na casa de uma praticante branca de Vodou conhecida como Sra. Dereco. Na casa dela havia um homem conhecido como Oscar “Nom” Felix que era conhecido por conduzir muitos rituais Parterre na cidade. Junto dele, uma idosa conhecida como Sra. Robinson, que se declarava como Madame Ducayielle, presidiu a Parterre, enquanto Laura “Lala” Hopkins, a sacerdotisa Vodou mais conhecida de sua época, participou da segunda. Antes da primeira abertura e do parterre em torno do qual se centrava, Madame Ducayielle explicou o propósito da cerimônia, afirmando que eram para “alimentar os espíritos”.

Os funcionários do Projeto dos Escritores deram descrições de ambos os Parterres, mas registraram mais detalhes sobre o primeiro. De acordo com Felix, que preparou grande parte do Parterre com materiais fornecidos pelos funcionários da FWP, as oferendas aos espíritos devem sempre ser colocadas no chão. Tal como acontece com as cerimônias relatadas de dias anteriores, um grande pedaço de tecido branco servia como pano de altar. Felix colocou uma foto de São Pedro, isto é *Lébat* (Papa Legba), no

centro do canto Leste do tecido, para que o santo pudesse "abrir o caminho para o céu". Um copo cheio de uma mistura de gim, açúcar e água com um grande ramo de manjerição estava diante da imagem.

Um ramo de cânfora também ficava diante do retrato e todos os participantes se sentavam em volta, a maioria no chão mesmo. Duas velas - uma com um saco de açúcar atrás dela - queimavam ao lado, pertinho da imagem de Legba. Nom Felix colocava uma grande variedade de oferendas sobre o tecido, incluindo cidra, refrigerante de framboesa (comum na época), velas apagadas, uma caixa de biscoitos de gengibre, pedaços de um tipo de pão de gengibre, bananas, maçãs, dois potinhos de congreis, uma garrafa de azeite de oliva, pratos e canecas esmaltados, raiz de íris, alpinho, cravo, canela e manjerição seco. Orações em francês, movimentos rituais, banhos com misturas de ervas e distribuição de objetos espiritualmente poderosos para os presentes. Durante todo o processo, Madame Ducayelle ficava sentada em uma cadeira diagonalmente em direção da foto de São Pedro.

É bem provável que a cerimônia Parterre tenha evoluído e mudado desde a época em que Marie Laveau a praticava. No entanto, as semelhanças entre o parterre de 1930 e os do século anterior são evidentes, variando desde os alimentos oferecidos até a colocação da sacerdotisa presidente. Os aspectos comuns das cerimônias não devem ser uma surpresa, no entanto. Afinal, o Vodou era uma tradição viva na época. Além disso, Oscar Felix afirmou ter participado pessoalmente como parte de vários Parterres realizados por Marie Laveau durante sua juventude, uma afirmação plausível considerando a profundidade de seu conhecimento e as semelhanças entre suas aberturas e parterres do século XIX.

RITUAL PARA ALIMENTAR AS LOAS RADA NA PÁSCOA

Todos os anos, na Páscoa, realizamos um ritual para honrar e alimentar todas as Loas Rada. Resumidamente, colocamos uma toalha branca de mesa no chão ou em uma mesa grande. Em porta retratos colocamos os vèvès de todas as Loas Radas que serão cultuadas, e uma vela na cor daquela Loa na frente de cada vèvè. Damballah e Ayida Wedo ficarão no centro da mesa, iluminados por uma vela branca. Na frente de cada vela colocamos as respectivas comidas, bebidas, flores e bolos, tudo de acordo com cada Loa. Decoramos tudo da nossa melhor forma, a mesa precisa ser farta. **Cada oferenda, antes de ser colocada neste altar, precisa ser mostrada aos quatro pontos cardiais**, podendo começar por onde quiser, mas tradicionalmente apresentamos na ordem leste, oeste, sul e norte. Então cantamos três músicas para cada Loa, dançamos para elas, conversamos com elas, agradecemos pelo ano que se foi e pedimos um ano ainda melhor. Este ritual costuma demorar a noite toda, com muita música e dança. Todas essas oferendas são deixadas no altar, de acordo com as regras já citadas nas apostilas anteriores, sendo descartadas na natureza, sobre a terra e algumas em lixo comum. **A forma “simples” desse ritual, perfeita para o Severyè, é a seguinte: o**

Sevityè pode arrumar o altar da forma descrita acima, mas pode colocar apenas uma oferenda, uma bebida e uma vela para cada Loa Rada. Pode enfeitar de uma forma bem mais simples. Troque a música por toque Rada vodu no seu celular (eu envio as músicas!), ao invés de dançar, pode sentar-se de forma confortável e travar uma longa conversa com as Loas, agradecendo elas pelo ano passado e pedindo coisas boas no novo ano a partir daquela páscoa. Fique neste ambiente pelo tempo que quiser, depois vá dormir. No outro dia você pode arrumar tudo, guardar suas coisas, despachar as comidas e bebidas da forma clássica já ensinada. As Loas vão perceber seu esforço e ficarão muito felizes. Você pode fazer esse ritual sozinho ou com quantas pessoas quiser. Se houver mais de uma pessoa no ritual, essa pessoa precisa contribuir com oferendas também, que podem ser definidas por você.

RITUAL PARA ALIMENTAR AS LOAS PETWO NA VÉSPERA DE NATAL

Toda noite de 24 de Dezembro fazemos uma cerimônia para alimentar todas as Loas Petwo, de forma que elas abençoem nossas ervas, pós e poções que serão usados ao longo daquele ano. Neste dia, desenhamos com farinha o vèvè de todas as Loas Petwo que foram apresentadas neste curso. Algumas pessoas podem querer colocar esses vèvès em porta retratos ao invés de desenhar. Pode se arrumar uma mesa, com uma toalha vermelha, uma vela na frente de cada vèvè (ou no meio de cada vèvè caso tenha escolhido fazer em farinha) e arrumamos pelo menos uma oferenda sólida, uma bebida e algo para fumarem. Na semana antes da cerimônia, colhemos ou compramos todas as ervas que achamos úteis e necessárias para serem usadas durante mais ou menos aquele ano. Então, separadas em cuias de cabaças, ou sobre esteiras, ou em tigelas, as deixamos sobre o vèvè de Gran Bwa. Também compramos óleos (girassol, mineral e azeite de oliva) e os colocamos no altar ou no vèvè de simbi ou Kalfou, com a finalidade de trazerem poder para esses itens que serão utilizados o ano todo.

A noite começa com uma fogueira feita ao ar livre. Então começamos a cerimônia propriamente dita. Nós cantamos três músicas para cada Loa Petwo. Nós fazemos litâneas para cada Loa enquanto derramamos libações de rum e vamos acendendo cada vela. As oferendas são colocadas uma a uma no altar ou sobre os Vèvès, sendo mostradas aos quatro pontos cardeais antes de serem oferecidas, podendo ser na ordem leste, oeste, sul e norte.

Sobre o vèvè de Silibo Nouvavou (Seu vèvè é uma estrela de Davi, o hexagrama, dentro de um círculo, normalmente com um G inscrito no meio.), preparamos banhos flamejantes, combinando enxofre, um pouco de água de um rio, Flórida Water, álcool e Rum. Nós podemos colocar fogo na superfície desta água e cada participante será esfregado e ungido com a chamada água flamejante.

Sobre o vèvè de Lasirèn, misturamos banhos mágicos para transformação da vida financeira e distribuímos para todos os participantes. Receitas desse tipo de banho será aprendida.

Sobre o vèvè de Gran Bwa, orientamos as ervas para as quatro direções e as colocamos no meio. Essas ervas serão guardadas para usarmos ao longo do ano em nossos feitiços.

Sobre o Vèvè de Simbi, orientamos os óleos essenciais para as quatro direções e misturamos os óleos mágicos ou poções para o uso no resto do ano. Essas poções e óleos serão aprendidos no curso.

Então, dançamos, cantamos e conversamos com os convidados até a exaustão.

RITUAL DE AÇÃO DE GRAÇAS

O ritual de ação de graças tem o mesmo sentido e nome da Ação de Graças cristão, praticado nos EUA e nas ilhas caribenhas toda última quinta-feira do mês de Novembro. Mas no Vodou ele pode e deve ser feito em qualquer época do ano, inclusive nas datas comemorativas das Loas. Você provavelmente já conheceu algumas pessoas que só falam com você quando querem alguma coisa e que nunca foram gratas. Tenho certeza de que ninguém gosta desse tipo de comportamento grosseiro. Da mesma forma pensam as Loas. Tal como nós, as Loas e outros espíritos ficam felizes quando somos gratos por sua ajuda. Nós Vodouístas frequentemente agradecemos aos favores recebidos das Loas com uma ação de graça, uma cerimônia feita para agradecer os favores realizados pelas Loas.

Para realizar uma ação de graça, uma mesa é preparada. As estátuas e as imagens conectadas com as várias Loas são colocadas ali, juntamente com alguns de seus itens favoritos (facão de Ogou, Makout de palha de Zaka, Espelho para La Sirene, etc.). Também colocamos os alimentos, garrafas contendo suas libações, frutas e bebidas. Uma "lâmparina vodou" e velas também serão acesas. Lâmparinas Vodou são comumente feitas em tigelas de barro, metade de côco, de cabaça, em abacaxis, abóboras, caldeirões, pratos, etc. Mas muitas lâmparinas próprias da ação de graça é feita mergulhando um pedaço de algodão em uma tigela de azeite (dendê ou virgem, dependendo da Loa) e que contém outros ingredientes como óleos essenciais, ervas e curios. Nós acreditamos que essas simples lâmparinas servem para "aquecer" os espíritos e aproximá-los do ritual.

Orações católicas (para os que seguem o sincretismo) e/ou Priye Ginen (com ou sem influência católica) serão recitadas no início da cerimônia e então outras orações (não precisam ser orações cristãs) são recitadas em homenagem aos vários espíritos.

Normalmente, essas cerimônias não envolvem atabaques; em vez disso, Vodúístas preferem orações e/ou meditações silenciosas. Mas se você desejar colocar um som Vodú para tocar ao fundo, não há nada de errado nisso. Nos templos Vodú, muitas vezes, uma ou mais Loas se manifestarão em seus médiuns, para que eles possam dar seus agradecimentos pessoais e oferecer os conselhos e advertências adequados. Basicamente, a ação de graça é uma versão discreta e de baixo custo se comparadas a outras cerimônias públicas. Podemos comparar um Fet a uma festa onde todos do bairro comparecerão, já uma ação de graça é um jantar tranquilo com amigos em homenagem a um evento especial.

Os vodúístas que acabaram de se mudar para uma nova casa podem realizar uma ação de graça para receber seus espíritos e agradecer-lhes por sua ajuda na obtenção da casa. Graduação na escola, um aumento, um novo filho, um empréstimo, um emprego desejado, todos esses eventos podem ser honrados com uma ação de graça. Uma ação de graça também pode ser realizada quando um membro da casa está doente ou sofre de problemas financeiros ou má sorte. Vodúístas acreditam que esses rituais mais íntimos para a Loa mostrarão devoção e deixarão as Loas mais próximas dos servos. Também ajuda a construir um senso de comunidade e um relacionamento mais próximo com os espíritos.

Existem certas maneiras de preparar uma mesa para uma ação de graça. Algumas fabricações específicas de lamparinas e alguns alimentos específicos são segredos de Djevo e só podem ser feitos por um iniciado. No entanto, não há nada que impeça uma pessoa não iniciada de agradecer aos espíritos ou passar algum tempo em silêncio com eles. O ritual que vou ensinar a seguir é uma ótima maneira de entrar em contato com os espíritos em um ambiente íntimo e pessoal. Muitos não iniciados realizam esse ritual com excelentes resultados. Ele envolve a preparação de bebidas e algumas comidas para os espíritos específicos e em seguida sentar-se para conversar com eles.

Seja qual for a Loa que você vai honrar, certifique-se de preparar um coquetel de rum para Papa Legba, para que ele abra o portão e deixe os outros espíritos virem até você. Também prepare outras bebidas para os outros espíritos que você está cultuando. Uma taça de champanhe para Freda e / ou La Sirene, um copo de rum para Ogou, um pouco de rum com pimentas para os Ghedes, enfim siga as preferências das Loas, mas sinta-se livre para adicionar seus próprios gostos pessoais (se sentir que Freda adoraria um vaso com flores, ou se Ogou quer um charuto, siga seus instintos). Assim como não há uma maneira correta de realizar um jantar para os amigos, não existe uma maneira correta de realizar uma ação de graça para a sua Loa. Seus toques pessoais só deixarão as Loas mais entusiasmadas em aparecer em sua casa.

Caso queira realizar uma ação de graça para uma Loa em particular, tudo bem. Talvez você prefira se relacionar com um pequeno grupo de Loas, ao invés de todas elas. Mas lembre-se de que deve seguir algumas pequenas regras. Você não deve convidar Freda

e Danto para a mesma festa; e você provavelmente deve dar aos Ghedes sua própria ação de graça, sem envolver outras Loas, porque seu comportamento brincalhão e barulhento pode ser desagradável para uma Loa mais tranquila. No entanto, é perfeitamente interessante realizar uma ação de graça para Agwe e La Sirene, ou Freda e Ogou, ou Freda e Damballah. No último caso, a festa deve ser livre de álcool e tabaco, já que Damballah tem aversão ao álcool e ao fumo. Outras bebidas doces podem ser preparadas para todos no lugar do rum, como batidas não alcólicas com leite condensado e coco para Damballah, água de coco, suco de frutas naturais, etc. Independente de quem você convidar, certifique-se de pedir a Legba para que abra o portão primeiro, para que as outras Loas possam vir receber o ritual.

Quando você estiver com tudo pronto, acenda uma vela branca. Em seguida, pegue o copo de Legba e diga em voz alta: "Isto é para você, Papa." (então, todos os presentes no ritual dizem "Ayibobo!") Em seguida, diga: "Oh, Legba! Permita que minhas palavras cheguem até o mundo espiritual. Abra o portão, por favor, Legba. Deixe as Loas passarem. [Pausa de uns 30 segundos em silêncio] Obrigado!"

Leve a bebida, a vela e outras oferendas para Legba e deixe no quintal.

Em seguida, bata palmas três vezes e diga em voz alta: "[Nome(s) da(s) Loa(s)], venha se juntar a mim neste ritual sagrado." Pegue a bebida que preparou para a Loa, segure-a virando-se a sua esquerda e diga: "Isso é para você." Em seguida, coloque o copo de volta na mesa. Se você tem um altar ou santuário em casa, você pode fazer seu ritual nele; caso contrário, você pode preparar uma mesa temporária com uma toalha branca simples e limpa.

Acenda a vela branca central. Ao acendê-la, diga: "[Nome da Loa], obrigado por se juntar a mim nesse ritual. Eu aprecio o seu tempo gasto comigo!"

Depois de acender a vela, pegue um dos copos do altar e um copo seu, isto é, que será usado para você tomar suas bebidas, e bata um no outro como em um brinde, dizendo: "A santé, zanmi mwen" ou "Saúde, meus amigos". Você pode misturar uma bebida alcóolica para tomar com os espíritos, ou você pode tomar refrigerante ou alguma outra bebida não alcoólica se preferir não consumir bebidas alcoólicas (Se for para Damballah, não beba e nem ofereça bebidas alcólicas. Apenas o Rum de Legba e que deverá ficar do lado de fora do local, não na mesa de ação de graça). Não se esqueça de que terá que brindar com cada espírito a ser cultuado ali. Afinal, isso é um brinde e seus convidados de honra estão esperando por seu cumprimento. E se você quiser oferecer a eles suas comidas, ou surpreendê-los com um bom presente, faça sem problemas. Imagine que este é um pequeno jantar com um (uns) amigo (s).

Quando você estiver pronto para terminar o ritual (faça pelo tempo que desejar), apague a vela, apertando-a com os dedos ou usando uma colher ou um apagador de velas. Não as assopre. Então, diga: **"Obrigado, [nome(s) da(s) Loa(s)]. Se você quiser,**

você pode partir agora, e Obrigado, Papa Legba. Se você quiser, pode fechar os portões agora. Mais tarde, leve as oferendas de bebidas para fora. Despeje o rum ao pé de qualquer árvore, no canto de qualquer encruzilhada, ou em uma cerca de madeira ou poste. As oferendas de comida poderão ser deixadas por 24 horas e colocadas em sacos limpos e jogados no lixo.

Você pode fazer isso sempre que quiser estar perto e falar com a(s) Loa(s). Sempre que você tiver um evento alegre e gostaria de compartilhá-lo com um amigo, ou quando você precisa de um ombro amoroso para chorar, é um bom momento para realizar uma ação de graça para a Loa. Mas lembre-se de que elas não são gênios em uma garrafa; nem são animais adestrados que você dá ordens para fazerem o que você deseja. Os deuses do Vodou são companheiros carinhosos e amigos fortes. Se você só chamar as Loas quando precisar que façam algo por você, então rapidamente se verá ignorado por elas. Se, por outro lado, você desenvolver um relacionamento pessoal próximo com seus espíritos, no qual você recompensa sua ajuda e bons conselhos com gratidão e louvor, você perceberá o quanto seu trabalho com as Loas é extremamente benéfico e gratificante.

Coquetel para Legba: Um copo de rum amarelo, uma pequena colher de mel e, se possível, uma pitada de pimenta caiena. Misturar tudo!

Lamparina de Ação de Graças: Um prato de barro ou metal (são mais resistentes ao fogo!), encha com azeite virgem e um pouco de essência de rosas, bem como pétalas de rosas. Mergulhe uma bola de algodão no centro, encharcando-o com essa mistura, preservando apenas uma ponta seca, na qual será acesa a chama. Não faça isso perto de paredes, pois a fumaça negra que sai poderá manchar ela. Você pode preferir usar apenas velas no lugar da lamparina!

Limpeza: O ambiente precisa estar bastante limpo, tanto fisicamente quanto espiritualmente. Resina de Mirra, Sangue de Dragão, Olíbano ou Benjoim sobre um carvão de narguilé (é tóxico, melhor seria sobre um carvão vegetal comum) pode ser suficiente para limpar larvas astrais. Se puder também fazer libações de água mineral com um pouco de sal marinho nos quatro cantos do local, melhor ainda.

RITUAL DE LAVAGEM DE CABEÇA PARA PURIFICAÇÃO

As lavagens da cabeça são feitas antes ou durante as iniciações. Elas também são feitas para limpar a cabeça de uma pessoa quando esta é facilmente possuída pelas Loas. Por outro lado, outras lavagens de cabeça também são feitas para ungir a cabeça de uma pessoa em serviço à Loa, para facilitar a posse. Ao "lavar" sua cabeça, você faz da cabeça um templo santificado para a Loa. Você ainda se harmoniza ou se alinha com as forças incorporadas por uma delas. Por exemplo, se você sentir uma necessidade de

melhorar o amor e a beneficência em sua vida, você poderia lavar a cabeça para Ezili Freda e Damballah.

Prepare todos os alimentos favoritos de Ezili Freda e Damballah. Arrume o espaço do altar com renda branca e cetim branco, ou somente o cetim branco. Coloque flores e imagens de Damballah e Ezili Freda no altar. Vestindo roupas brancas, desenhe o vèvè de Freda e ao Lado o de Damballah, depois circule ambos os vèvè desenhando cobras, uma de cada lado dos vèvè, usando a mesma farinha de milho comum dos vèvès. Coloque ofertas no vèvè: leite, champanhe, vinho branco, uvas brancas, bananas, ovo, bolo branco, perfume, pipoca e Florida Water. Coloque uma tigela no meio do vèvè.

Faça os cumprimentos completos ensinados na apostila três, usando água e uma vela branca. Coloque a vela no vèvè, em seguida, faça três libações de água na tigela que está no meio do vèvè. Então, adicione todas as outras oferendas na tigela de água. Ao fazer as orações de Ezili Freda e Damballah, vá mexendo todos os ingredientes junto com as mãos. Quando você terminar de fazer a mistura de cabeça, beije o vèvè três vezes e coloque-se em um estado aberto e receptivo, relaxando o corpo e não pensando em nada específico. Coloque suas mãos na água e faça orações sinceras, vindas do coração, para Damballah e Ezili Freda, fazendo seus pedidos. Então você deve ungir seus braços, seu pescoço, garganta e coração, seus joelhos, pés e rosto, com a lavagem. Finalmente, coloque a mistura em suas mãos e cubra sua cabeça inteira. Esta pode ser uma experiência intensamente emocionante, muitas vezes inexplicavelmente catártica para um ato tão simples. Cubra a cabeça com uma Moushwa branca e limpa e a amarre confortavelmente. Você pode lavar o rosto e o resto do corpo, mas deixe a cabeça com a mistura, usando o lenço até na hora de dormir. Certifique-se de gravar todos os sonhos que você se lembrar, então, no outro dia, você poderá lavar o cabelo pela manhã. Descarte qualquer resto dessa lavagem de cabeça em uma encruzilhada ou despeje-a em um rio.

É vital o Severyè focar em rituais pessoais e solitários, antes dos rituais grupais. Os rituais pessoais estabelecem a intimidade e o conhecimento do Espírito. Cada praticante deve manter uma conexão pessoal com o poder. Quando você estiver tranquilo e confiante em seus trabalhos solitários, você estará também pronto para os rituais grupais. Adaptamos nossos rituais de acordo com às nossas necessidades específicas, às vezes fazendo um ritual para chamar uma só Loa, às vezes chamando todas as Loas de todas as nações em sua ordem tradicional, à vezes chamamos um grupo específico de Loas, às vezes incorporamos lavagens de cabeça ou rituais de cura, adivinhações e wangs. Todas as cerimônias e rituais podem ser adaptados ao uso individual, ou você pode embelezá-los do jeito que você e seu grupo escolher, mas sempre seja sensato e mantenha o sentido original do ritual, sem inventar coisas novas e exóticas. Se você vai fazer uma cerimônia Petwo, saúde Mèt Kalfou primeiro. Substitua o cumprimento "Ayibobo!" por "Bilolo!" Você pode querer adicionar pólvora

para ser estourada, apitos, chicotes estalando no chão para anunciar a chegada ou a presença de uma Loa Petwo.

Em nossa vivência dentro do Vodou aprendemos as sagradas canções em Kreyòl para cada uma das Loas. Há músicas que anunciam cada parte da cerimônia e pelo menos três músicas são cantadas para cada uma das Loas, as duas primeiras no ritmo Yanvalou e, então, uma última no ritmo de Zepwol. Quando estamos fazendo a cerimônia Rada, começamos com várias músicas para Legba enquanto as oferendas estão sendo feitas. Geralmente, desenhamos Vèvè para o Marasa, Legba, Loko e Ayizan antes da cerimônia começar. Durante a cerimônia, cantamos músicas, realizamos cumprimentos com vela e água, e fazemos as nossas libações diante de cada um dos vèvè das Loas ali cultuadas. Também aprendemos como tocar os tambores e as danças adequadas para as diferentes Loas. Este é um trabalho difícil e que só alcançamos a perfeição a longo prazo, pois exige muito comprometimento e dedicação por parte de quem está em uma Sosyete. Você pode se basear em tudo o que tem aprendido, explorar o que pode ser mais útil e funcional para você. Tome o que aqui foi escrito como um guia e faça o seu próprio ritual baseado nas suas necessidades. Claramente, há uma vida de exploração e desenvolvimento disponível no esboço deste ritual. Nós o adaptamos a necessidades específicas ao longo do ano. Tome este ritual como um guia possível, e faça o seu próprio.

RITUAL DE LAVAGEM DE CABEÇA PARA ACALMAR A LOA MÈT TÈT

Este ritual é perfeito para quando você tem se sentido irritado e percebe que as coisas a sua volta não caminham como deveriam. Você se sente preso no lugar, parece que tudo não está evoluindo. Também pode ser útil caso você sinta que ofendeu sua Loa Mèt Tèt, ainda que não saiba que ela é, e gostaria de acalmá-la com este banho de cabeça. Escolha um domingo ou uma segunda para realizar esse ritual, qualquer horário do dia ou da noite. Arrume o local, limpando ele fisicamente e, depois, com uma defumação de Olíbano (Franco Incenso) sobre carvão. Deixe o resto queimando num canto do local. No local, já deve estar montado um altar simples, pequeno, com uma toalha branca, uma bacia ou tigela com um litro de água no centro e duas velas brancas acesas, uma de cada lado desse recipiente com água em temperatura ambiente. Neste banho, você vai macerar com as mãos as seguintes ervas frescas: **Um galho de arruda; um galho de manjeriço; folhas de limoeiro e três galhos de hortelã ou menta.**

Os bagaços que vão sobrando dessas ervas devem continuar dentro da água. Por fim, acrescente no banho um copo de água de coco, uma xícara de leite comum e uma borrifada com um perfume qualquer. Com um pano branco medindo mais ou menos 1 metro quadrado, cubra esse recipiente do banho e deixe descansar por uns 40

minutos. Enquanto isso, você pode meditar e conversar com sua Loa Mèt Tèt, fazendo seus pedidos a ela. Depois deste prazo, tenha na sua frente uma bacia bem grande, vazia, sobre a qual você vai lavar sua cabeça. Mantenha uma música de Damballah ou Papa Legba tocando no fundo. Descubra o banho, traga ele para o chão, e deite sua cabeça sobre a bacia e vá lavando ela com essa mistura, bem devagar. Vá sentindo o banho tocar a sua cabeça, da nuca para frente, enquanto ele limpa você. Enquanto faz esse banho, imagine sua Loa, mesmo que não saiba quem ela é, apenas imagine como se o nome dela fosse somente Loa. Quando todo o banho tiver sido jogado na sua cabeça, use o pano branco que antes estava cobrindo o banho no altar, e amarre ele na sua cabeça. Vá para o seu quarto e deite por pelo menos uma hora. Se dormir melhor, e continue ouvindo a música. No final dessa 1 hora, pode se levantar, mas o pano na cabeça ficará até as duas velas terminarem de queimar. Recolha o banho em um recipiente qualquer e guarde ele fora de sua casa, no quintal. Quando as duas velas terminarem de queimar, o ritual está completo, pode tirar o pano da cabeça e arrumar o cabelo. No dia do ritual e por 12 horas seguintes, não poderá fazer sexo, nem sair na rua com a cabeça descoberta e nem consumir bebidas alcoólicas, não comer carne vermelha e nem pimenta. Se puder, falar o mínimo possível. O pano da cabeça pode ser lavado normalmente e guardado, o altar pode ser desmontado. Mas o banho reservado no quintal deverá ser derramado em uma encruzilhada afastada de sua casa, para que Legba leve toda aquela energia para longe de você. É um excelente ritual para ser feito no primeiro domingo ou segunda do ano novo ou quando achar necessário, como já explicado acima.

RITUAL DE LAVAGEM DE CABEÇA PARA LIMPEZA ESPIRITUAL

A lavagem de cabeça para limpeza é outro ritual muito fácil e pode ser feito de acordo com o tipo de energia que você possa estar sentindo, como desânimo, azar, sente-se sugado, pensamentos ruins, preocupações extremas, medo extremo, teve contato com pessoas ou locais tóxicos, etc.

Material:

Água de Coco

Hortelã

Uma vela branca

Um lenço Branco

Modo de fazer: Acenda a vela branca e ofereça-a para sua Loa Mèt Tèt, mesmo que não saiba o nome dela. Use o lenço branco como uma toalha, coloque um recipiente branco sobre essa toalha e coloque a água de coco. Usando somente as folhas da hortelã, macere com calma, extraíndo bem o suco das folhas. Você pode deixar um yanvalou tocando no fundo, ou outra música vodu que te agrade. O bagaço das

folhinhas deve ser colocado em um pratinho branco ao lado, mas não tem nenhum problema que alguns pedacinhos caiam no banho. Terminado essa parte, pegue uma bacia suficientemente grande para você lavar sua cabeça sobre ela. Vá então lentamente jogando esse banho sobre sua cabeça, pensando coisas boas. Assim que terminar o líquido, enrole sua cabeça com o lenço branco e vá dormir. Se for a noite, melhor, mas se for durante o dia, deite-se por pelo menos uma hora. No outro dia, jogue esse banho da bacia sobre a terra e os bagaços da hortelã jogue em uma encruzilhada. O lenço pode ser guardado e você pode seguir sua rotina normal, sem necessidade de resguardo.

RITUAL DE LAVAGEM DAS MÃOS PARA O ORÁCULO DE OSSOS

Este ritual é opcional, nem todos os Houngans e Mambos o fazem. É muito mais comum de ser feito no Vodou dos EUA do que no Haiti. A finalidade seria a de energizar as mãos com o poder da Loa Legba, de forma a sair caídas mais precisas. Você pode sentir-se livre para experimentar a receita ou simplesmente ignorar ela.

Material:

Água mineral

Arruda fresca

Manjeriço fresco

Fumo

Água de flor de laranjeira

Um copo de vodka ou rum branco

Modo de Fazer: Acenda uma vela amarela para Legba e peça para que ele abra os seus caminhos e aumente sua intuição. Ao lado da vela, em um recipiente claro, branco de preferência, coloque a água mineral, a água de flor de laranjeira e a bebida. Então pegue galhos de arruda e manjeriço juntos e comece a macerar para tirar bem o suco das ervas. Vá jogando o bagaço na água também. Por último, acrescente o fumo. Deixe essa mistura descansar por uma hora. Não precisa cobrir. Passado esse tempo, lave lentamente suas mãos nessa mistura, enquanto chama por Legba:

“Papa Legba ouvre baye pou mwen, ago eh! Papa Legba ouvre baye pou mwen, ouvre baye pou mwen, Papa. Pou mwen passe, le’m tounnen map remesi Lwa yo!”

“Papá Leguá uvrê baiê pu mwen, agô ê! Papá Leguá uvrê baiê pu mwen, uvrê baiê pu mwen, Papá. Pu mwen passê, lêm tunên máp remesí Loá yô!”

"Papa Legba, abre o portão para mim, com sua licença! Papa Legba, abra o portão para mim, abra o portão para mim, Papa para que eu passe, e quando eu voltar, agradecerei a Loa! "

No final da reza, você pode enxugar suas mãos em uma toalha de cor clara e limpa. O banho deverá ser derramado em terra. Este banho das mãos dura uns 30 dias e pode ser feito na primeira semana do mês, podendo ser numa segunda ou quinta.

LAVE TÈT

O que é um Lave Tèt e o que acontece nele?

O **Lave Tèt** (do francês, *lavar a cabeça*), é exatamente o que o nome quer dizer, isso é, uma lavagem cerimonial da cabeça. Acredita-se que a cabeça seja o centro metafísico do corpo, a sede da razão e o lar dos espíritos. Uma cabeça fria é preferível; uma cabeça quente é considerada desequilibrada e facilmente manipulável. O Lave Tèt pode ser feito como um ritual único, como parte de um ciclo ritual maior, como o kanzo, ou como ritual de batismo, introdutório, em uma determinada Sossyete Vodou. Tudo pode começar com uma leitura divinatória realizada, para ver o que o cliente precisa. As fórmulas do Lave Tèt são segredos e de conhecimento somente dos Sacerdotes. As ervas, perfumes e óleos adicionados a uma mistura de banho são guardados a sete chaves. Mas esses segredos são transmitidos de Sacerdote para iniciado, sob juramentos de manter o Segredo, conhecimento interno do Templo. O Lave Tèt pode ser realizado com a pessoa nua ou vestida, dependendo da receita e das regras de cada Templo. No Ninho da Serpente a regra é estar com roupas. Mas se vocês conhecerem outros Sacerdotes que preferem fazer o Lave Tèt com as pessoas nuas, observe as regras, pois nenhum toque físico além da cabeça é permitido; mulheres banham mulheres e homens banham homens. As lavagens de cabeça são a maneira pela qual Vodou cria equilíbrio para o indivíduo e para sua “comitiva” espiritual. O propósito de um Lave Tèt é limpar espiritualmente a cabeça da pessoa. Isso pode ser feito para tornar os caminhos mais fáceis e afastar o azar, os inimigos, as energias contrárias aos objetivos da pessoa e costuma ser feito aos não iniciados, sem prendê-los oficialmente à religião. Costuma ser feito também no final de uma cerimônia Kanzo, para limpar a cabeça depois de todos os sacrifícios que foram feitos. Também costuma ser feito para uma pessoa, seja ela iniciada ou não, que de alguma forma ofendeu a sua Loa, ou pode ser feito para qualquer pessoa que simplesmente deseja limpar sua cabeça, dar uma renovada nos caminhos. Um Lave Tèt em si não é uma iniciação e não torna uma pessoa membro de um Templo ou de uma sociedade Vodou, embora todos os que entrem em uma sociedade Vodou física passará por um Lave Tèt como uma forma de batismo primário, no qual a pessoa está marcando positivamente sua nova jornada. Somente a iniciação formal, aquelas de três níveis – *Kanzo Semp, Sipwen e Kanzo* – realmente comprometeria uma pessoa com a religião. Assim sendo, um Houngan ou Mambo pode fazer o seu Lave Tèt, mas te indicar para ser iniciado por outro Sacerdote, por vários motivos como, por exemplo, a sua Loa Mèt Tèt aceita que eu faça seu Lave Tèt, mas não me aceita como o Houngan para ser seu

mentor iniciático. Isso acontece muito, e não necessariamente tem a ver com a credibilidade daquele Sacerdote, mas pode haver vários outros motivos, até mesmo a incompatibilidade de espíritos. O Lave Tèt está presente na maioria das expressões Vodou, como nas linhagens Ason, Dekla e também dos EUA e República Dominicana. Normalmente, no Vodou Dekla é chamado de Sevis Tèt (Servir à Cabeça), mas mesmo sendo do Dekla, eu uso muito o termo Lave Tèt por ser mais popular e todos estão mais familiarizados. O Lave Tèt realizado como parte do ritual do Kanzo é um pouco diferente do Lave Tèt simples, pois deverá ser uma limpeza muito mais profunda e complexa. Vinte e um banhos individuais são administrados no início do Kanzo para facilitar uma mudança profunda na mente e no corpo. Este Lave é chamado de banho de dissolução e é preparado em um grande tambor de água, com várias ervas frescas colhidas ritualisticamente e trituradas à mão, em um pilão. Normalmente levamos a pessoa até a beira de um rio ou do mar para dar um banho na pessoa e também utilizar a água de tais fontes como um elemento material nos banhos. Este Lave Tèt especial começa com um ciclo de sete dias que culmina na coroação da pessoa como um iniciado na Sosyete.

É óbvio que não vou passar uma receita de Lave Tèt, pois só pode ser realizado por pessoas de dentro do Vodou, por segurança, já que sabem quais ervas podem ir na cabeça de cada tipo de pessoa. Mas, de uma forma geral, um Lave Tèt é realizado da seguinte maneira: o Houngan ou Mambo saberá quais Loas serão alimentadas no ritual, pois serão deuses ligados à pessoa que passará pelo ritual. No início da manhã a pessoa é levada ao Templo Vodou, onde água com ervas e outras substâncias, inclusive sangue animal, foram preparadas e consagradas. Os ingredientes do Lave Tèt pode variar de Templo para Templo e geralmente é considerado um segredo do Houngan ou Mambo responsável. A pessoa passará por um banho de ervas completo, também poderá passar por outros pequenos ritos de purificação. Depois dos tratamentos preliminares, a pessoa ficará sentada, assim como o Houngan ou o Mambo e os assistentes, em cadeiras baixinhas, caracteristicamente usadas no Vodou. Algumas rezas são recitadas, inclusive rezas de origem católica podem ser recitadas por Vodúístas que praticam o sincretismo (a maioria!). O Pryie Guinen é também recitado, normalmente com especial ênfase na nação Rada. A cabeça da pessoa é então lavada, enquanto rezas ou cânticos sagrados são recitados e acompanhados com palmas rítmicas ou tambores. A pessoa pode estar vestida de branco, ou em roupas velhas, ou podem estar nuas até a cintura. No Haiti e em toda a expressão Vodou, as mulheres podem expor seus peitos em certos contextos da mesma forma que os homens podem ficar sem camisas. No entanto, a nudez nunca é um pretexto para o comportamento sexual, que é estritamente proibido. Inclusive, a pessoa deverá manter resguardo de um dia antes do Lave Tèt e um dia após o ritual.

A cabeça da pessoa pode ser lavada uma vez, três vezes ou sete vezes, dependendo na casa e o grau de limpeza considerado necessário. A última lavagem pode ocorrer na

Cruz do Bawon ou em um Vèvè dele, para evocar a ajuda dos antepassados e do poder mágico dos Bawons. Após a lavagem e sem secar, sua cabeça será embrulhada em um lenço branco. A pessoa será então levada para um local onde se deitará para descansar sobre uma esteira coberta com um lençol branco, e deve permanecer ali pelo resto do dia. A pessoa não deve beijar ou abraçar, nem apertar as mãos de ninguém para evitar a contaminação e magia negativa que possa estar em outras pessoas. Chegando a noite, a pessoa é então colocada para dormir no Djevo, ou em um local devidamente preparado como tal, em uma cama ou uma esteira coberta de branco. Normalmente, um frango branco é sacrificado para a cabeça da pessoa, e a carne desse Frango será preparada para alimentar a pessoa e a Loa, juntamente com outros alimentos sagrados e típicos que são oferendas comuns, incluindo inhame, batata doce, arroz e feijão e bananas cozidas. Uma lamparina Vodou especialmente feita para este caso ficará acesa no local onde a pessoa dormirá, na maioria das vezes, sozinha. Mas, membros do Templo, inclusive o Houngan ou Mambo ficarão acordados a noite toda, cuidando da pessoa, no caso de alguma coisa acontecer. Na manhã seguinte, a pessoa será acordada por volta das 07:00 com o som do Ason ou Kwa Kwa e rezas dando as boas vindas à vida nova. Tomará então um bom café da manhã e finalmente estará livre para vestir roupas normais e seguir com suas atividades normais, embora a abstinência sexual e outras proibições sejam obrigatórias por três ou sete dias após o Lave Tèt. Indo um pouco além, muitas pessoas podem receber um "gad", um trabalho mágico que invoca a proteção de uma Loa particular e a pessoa deverá beber certas substâncias mágicas (Gad Migan) ou passar por cortes de navalha no braço (Gad) em que folhas mágicas em pó e outras substâncias são esfregadas. Um "gad" é sempre feito com o ritual Petwo, roupas vermelhas são usadas, e assim por diante, então um O gad nunca é realizado no mesmo dia que o Lave Tèt, mas sim depois do prazo de abstinência.

O GAD E O GAD MIGAN

A palavra Gad significa Guarda e já discutimos um pouco a respeito desse ritual. Na maioria das vezes ele é opcional e qualquer pessoa pode passar por ele, mesmo não sendo iniciada. Mas é obrigatório na iniciação dentro do Vodou. O Ritual consiste em colocar na pessoa um guardião que estará ao lado dela para toda a vida. O Gad é um ritual Petwo e é comum que o espírito a ser evocado neste serviço é Kalfou, embora esta não seja uma regra. O corte feito no braço costuma doer um pouco, mas vai depender do peso da mão do Houngan ou Mambo a realizar. Será feito com uma navalha, podendo ter formas distintas de acordo com os segredos rituais, essas formas podem ser um ou mais riscos na horizontal ou vertical, ou uma ou mais cruces, ou o símbolo do esquadro e compasso, ou três pequenos furos formando um triângulo, etc. A pessoa que tem um Gad precisará alimentar ele e o espírito que ali está pelo menos uma vez ao ano, no dia do aniversário do Gad. E com alguma frequência, você vai passar Rum ou Vodca sobre a cicatriz do Gad para ativar ele em diversas situações.

Suponhamos que você tem algo muito sério para enfrentar, e você precisa de forças e proteção, este é um caso para acender uma vela em casa e esfregar bebida no Gad para chamar teu protetor. O Gad é altamente recomendado para pessoas juradas de morte ou que trabalham em profissões de altíssimo risco de morte. Ele pode ser feito uma semana depois do Lave tèt, como uma forma de fechar o corpo da pessoa. O Gad também é feito como um protetor contra qualquer tipo de ataque, físico ou espiritual. Mas não pense que só por ter um Gad você pode sair por aí cometendo crimes e que está tudo bem. Se você merecer, nem o Gad vai te salvar de ser atingido por algo. Mas se você não merecer, estará indestrutível.

O Gad Migan, que significa Guarda do Estômago, tem uma função semelhante, mas neste caso é para se defender contra principalmente veneno ou comidas enfeitiçadas. A pessoa que tem um Gad Migan vomitará imediatamente o alimento envenenado ou enfeitiçado que ela engolir. Esse ritual não é tão comum fora do Haiti, onde os casos de envenenamento são absurdamente frequentes. O Gad Migan é um ritual dedicado à Danto, que muitas vezes é quem vem e faz todo o serviço e dá para a pessoa beber. Mas também pode ser feito por um Houngan ou Mambo e até por outras Loas Petwo. O elemento base do Gad Migan é o sangue, que será ingerido através de uma poção feita com ervas e outras especiarias ou pode ser feito com uma comida especial, não muito saborosa, que deve ser comida sem vomitar. Na maioria das vezes, o Gad Migan também é opcional, sendo obrigatório somente no contexto iniciático.

Ambos os Gads são feitos com a pessoa sentada em uma cadeira, dentro de um círculo feito de farinha de mandioca misturada com farinha de trigo, ou feito somente com a farinha de milho. Este círculo conterá vários símbolos desenhados dentro dele, alguns coloridos. A pessoa terá os olhos vendados, passará por certos rituais e banhos, então terá o braço marcado com a navalha, onde uma mistura de vários produtos, incluindo muitas ervas secas e transformadas em pó, serão esfregados no ferimento. Dói um pouco, embora tenha um efeito anestésico por causa de algumas ervas. Imediatamente o braço cortado será amarrado com um lenço vermelho, de forma a prender o espírito ali “dentro”. Não raro, o Gad Migan é feito no mesmo ritual, onde será servida a poção feita de sangue, bebida alcoólica e muitas ervas no meio. O sabor é ruim, mas por causa das ervas, deixando o sangue quase imperceptível. O Gad Migan pode ser feito também com uma comida ritualística especial, feita de uma forma secreta e com sangue. O ritual prossegue com outras coisas, e pode durar de um a dois dias, e em casos especiais, que pode depender da Loa, pode durar até uma semana.

MARYAJ LWA

O CASAMENTO COM A LOA

Essa cerimônia, apesar de parecer muito estranha ao aluno, é frequentemente encontrada entre os praticantes do Vodou na África Ocidental, bem como no Vodou haitiano e dos EUA, e é um ritual no qual uma pessoa se casa com uma ou mais Loas. O Maryaj Lwa constitui um compromisso vitalício com uma determinada divindade, mas isso não impede a pessoa de cultuar outros espíritos.

As Loas é que tomam a decisão de se casar com um humano, nunca o contrário. Além disso, a Loa pode optar por se casar com alguém do mesmo sexo ou com o sexo oposto, mesmo sendo Ogou que, embora seja menos comum ele se casar com alguém do mesmo sexo, não é raro e há algumas dezenas de homens por aí casados com o deus da guerra. Como diz **Mambo Vye Zo Komande LaMenfo** em relação a Ogou, *“Ogou é uma enorme dimensão espiritual... Ogoun é tudo que fazemos dele e muito, muito mais. Portanto, ele pode se casar com qualquer pessoa que lhe agrade!”* Embora ser JÁ casado com um parceiro humano geralmente não impeça um casamento com uma Loa, se a pessoa que se casar com a Loa for solteira no ato do ritual, ele ou ela será impedido de ter um futuro cônjuge humano, muitas vezes podendo apenas ter vida sexual, nunca sentimental.

A cerimônia em si lembra muito a de um casamento comum. Durante o ritual, uma pessoa será possuída pela Loa envolvida no casamento. A cerimônia é realizada pelo Houngan ou Mambo, o membros do casamento e convidados podem comparecer de acordo com o desejo do noivo (a) humano. Aneis são obrigatoriamente trocados na cerimônia e em alguns casos espera-se que sejam caros. Ezili, por exemplo, quer que seu parceiro humano use um anel de ouro com o nome dela gravado. Outras Loas, como Ogou, não exigem grandes gastos, esperando simples anéis de ferro, representando sua conexão com o fogo e as forjas.

Contratos de casamento são muitas vezes lidos em voz alta no início das cerimônias, e bolo de casamento também são incorporados às festividades.

Após o ritual, o parceiro de casamento humano separa um ou mais dias por semana para servir ao cônjuge espiritual. Em tais dias, tipicamente aqueles que já são sagrados para a Loa, o parceiro humano usa as cores favoritas de seu cônjuge. Em muitos casos, certas atividades são proibidas nesses dias. Por exemplo, Ezili não permitirá que as pessoas casadas com ela possam dançar, fumar, beber ou jogar nas terças ou quintas-feiras. À noite, o cônjuge terrestre dorme sozinho e se abstém de atividade sexual humana, mesmo se casado com um parceiro humano. Além de honrar o cônjuge espiritual de uma pessoa, a noite sozinha serve como um tempo para a Loa se comunicar através dos sonhos.

MANJE YANM

O RITUAL SAGRADO DO INHAME

A cultura do inhame é uma tradição antiga que se desenvolveu entre os igbos muitos séculos antes de terem contato com o mundo exterior. A prática de venerar o espírito do inhame é um evento cultural que marca o início da época da colheita. Entre os igbo, o inhame é o rei de todas as culturas e se destaca na vida social e religiosa. Acredita-se que o inhame tenha uma força espiritual conhecida como ahajioku ou njoku. Os escravos africanos redescobriram a festa do inhame no Haiti. Entre os haitianos, a festa do inhame é conhecida como Manje Yanm, Comer Inhames. É a única cerimônia pública relacionada à colheita no Haiti. O Manje Yanm no Haiti corresponde ao novo festival do inhame na terra dos Igbo. Entre os Igbo, a nova festa do inhame é chamada Iriji ou Ikeji. Enquanto o novo festival do inhame é celebrado em outubro no Haiti, diferentes comunidades Igbo celebram entre agosto e setembro, por razões ecológicas. Assim como no Haiti, o novo festival do inhame é uma ocasião em que os agricultores dão graças à deusa da terra, ao espírito da fertilidade, por um bom rendimento e colheita bem sucedida na época agrícola. Também marca o fim e o começo de um novo ano na sociedade Igbo.

Existem pequenas variações no modo como diferentes comunidades Igbo celebram o novo inhame. Em alguns lugares, a festa começa em um dia de mercado Afor. Neste dia, várias comunidades alertam seus membros sobre o início do festival soando o ikoro, um grande tambor cilíndrico com uma cabeça humana esculpida. Por este alerta, os agricultores são formalmente informados para irem às suas fazendas e colherem o novo inhame pela primeira vez após o plantio. A colheita geralmente ocorre no dia seguinte de mercado (Nkwo). No dia seguinte ao mercado, Eke, o sacerdote do inhame, conhecido como Elomji ou Ezeji, oferece um sacrifício de ave ou cabra ao espírito do inhame. Outros chefes de família oferecem sacrifícios semelhantes ao espírito do inhame em seus santuários individuais (Ogatwas).

Eles fazem libações, oferecem nozes de cola (Obi) e rezam para o espírito do inhame por um consumo seguro do novo inhame. Após os rituais, os indivíduos comem o novo inhame. Esses ritos são comuns entre os ibos e os haitianos.

No Haiti, a nova festa do inhame dura cerca de dois dias, enquanto dura quatro dias entre os Igbo da África. Durante a celebração, as pessoas que compartilham os mesmos antepassados se reúnem para celebrar. Aqueles que moram em lugares distantes voltam para seus lares ancestrais para o festival. Esse encontro oferece uma boa oportunidade para as crianças aprenderem sobre sua história familiar. As famílias também usam a ocasião para resolver as disputas entre os membros. É uma crença comum entre muitas comunidades Igbo que membros da mesma família ancestral não comem o novo inhame no encontro comum com sentimentos de raiva e mágoa. A

cultura de inhame na África era tão avançada que o plantio, a colheita e o consumo do inhame eram altamente ritualizados e guiados por sanções religiosas. O inhame não era cozido com culturas “inferiores”, como a mandioca e o milho. Uma mulher não podia pegar um tubérculo de inhame com raiva. As mulheres não brigavam nem brigavam em uma fazenda de inhame. As pessoas também eram proibidas de defecar na fazenda do inhame. Estes eram considerados profanação do espírito do inhame.

Na atual sociedade Igbo, a ritualização da nova festa do inhame avançou ainda mais com a institucionalização de uma série anual de palestras, conhecida como Ahajioku Lecture. Ahajioku Lecture é uma colheita intelectual instituída por estudiosos Igbo de diferentes partes do mundo para comemorar a celebração do novo festival do inhame. Assim, a festa do novo inhame é o festival mais importante que toda comunidade Igbo celebra. O novo festival do inhame não é mais uma prática estritamente agrária. Igbo na América do Norte e na Europa, que não têm acesso a terras agrícolas, simbolicamente celebram o novo inhame. Sua sobrevivência no Haiti sustenta a alegação de que muitos dos escravos que foram transferidos para o Haiti eram de origem igbo.

SAINT JOHN'S EVE

VÉSPERA DE SÃO JOÃO, O DIA DAS RAINHAS E REIS DO VODU

23 DE JUNHO NO HEMISFÉRIO NORTE – SOLSTÍCIO DE VERÃO

Em grande parte da Europa, a noite antes da festa de São João Batista, 23 de junho, sempre foi e ainda é uma época carregada de poder espiritual, segundo a bruxaria e o misticismo com influência cristã. Mas tem sim uma grande verdade espiritual nesse dia, que também é conhecido como "Véspera" do Solstício de Verão, já que acontece pouco depois do Solstício de Verão no hemisfério norte, 21 de Junho. Durante o início do período moderno, muitos acreditavam que bruxas e fadas eram particularmente perigosas naquela noite e deveriam ser protegidas com a construção de fogueiras e com a coleta de plantas associadas a São João. Essas ervas eram então penduradas acima das entradas das casas ou queimadas nas fogueiras, a fim de afastar os seres supostamente ocultos na escuridão, protegendo assim os seres humanos e seus meios de subsistência. Estas cerimônias também incluíam banhar-se em lugares sagrados. Ambas as práticas chegaram ao Vodou de Nova Orleans, embora o grau em que a religião depende dos modelos europeus para a véspera de São João e o grau em que as práticas africanas preexistentes se ligam a um dia sagrado europeu estão aberto ao debate por qualquer interessado.

A véspera de São João foi também um evento anual significativo no Haiti, assim como em Nova Orleans, embora sua importância fosse muito maior no último. No Haiti, a noite é marcada pela queima de fogueiras, como na Europa. A fogueira e os rituais relacionados a ela eram eventos menores, no entanto, e a maioria dos estudiosos tem

pouco a dizer sobre o feriado no Haiti. Por outro lado, a versão de Nova Orleans da véspera de São João se tornou a mais visível - e possivelmente a mais importante - cerimônia de Vodou do ano na segunda metade do século XIX.

A localização do evento anual mudou ao longo do tempo. Pelo menos desde a última reunião conhecida do início do século XIX (1805) que ocorreu na cidade de Nova Orleans. É provável que outros tenham feito esse ritual bem antes dos anos 1800. Nas últimas décadas do século, as cerimônias haviam se mudado para as margens do lago Pontchartrain, tipicamente perto da foz do Bayou St. John. Com base em vários relatos que apareceram em jornais do século XIX e nos registros do Projeto dos Escritores Federais da Grande Depressão, os antigos relatos nos contam que a noite começava com centenas de pessoas se reunindo ao longo das margens do lago. Tarde da noite, a rainha Vodou (Marie Laveau?) chegava de barco e as atividades começavam. Estes consistiam em dançar e cantar, alguns dos participantes entrando no lago para se banhar, outros acendiam fogueiras e realizavam grandes banquetes. Os observadores brancos, entretanto, frequentemente descreviam as reuniões como orgias de negros e pactos com o diabo, em parte porque os participantes tendiam a estar com poucas roupas, e também por ser comum os transe espirituais, mas a maioria dos historiadores considera que tais relatos são exageros e distorções para platéias brancas racistas que consideravam a lascívia uma característica inata dos afro-americanos.

O objetivo preciso das festividades não foi totalmente determinado. Que as divindades do Vodou foram invocadas é certo. No Vodou haitiano, St. John (São João Batista) era ele mesmo uma Loa menor, e ele também pode ter sido cultuado na Louisiana, por causa dos imigrantes haitianos que ali começou a se instalar a partir de 1804. Um informante do Projeto dos Escritores Federais declarou que os eventos eram celebrados por aqueles que queriam ser como São João e ter o mesmo poder e importância deste. Outros afirmavam que tais rituais renovavam a boa sorte dos praticantes. O fato de uma parte importante frequentemente incluir banhos rituais sugere que um dos propósitos é a purificação do servo. Infelizmente, para os futuros estudiosos, a cerimônia de St. John's Eve tornou-se rara no final do século XIX (cerca de 1896), e muito do seu significado verdadeiro foi passado de boca em boca, o que com certeza muito se perdeu. Atualmente, as cerimônias parecem ter, pelo menos em parte, se transformado em um evento turístico que pagam alguns dólares ou contribuem com algum alimento para ser doado, para assistirem ao ritual.

Outro aspecto da véspera de São João que merece mais pesquisas é a capacidade oficial das rainhas Vodou que presidiram as cerimônias. Desde o início do século XX, escritores se referiam a qualquer sacerdotisa vodou como rainha. Durante o século XIX, o título parece ter sido mais específico, designando a sacerdotisa que atuava como amante simbólica de cada cerimônia da véspera de São João. É provável que o termo

Rainha fosse uma expressão norte-americana de uma prática africana mais ampla na diáspora, de eleger monarcas para presidir cerimônias comunitárias. Essas tradições já existiram em quase todas as sociedades do Novo Mundo com uma presença africana significativa, e também podem ser refletidas nos reis que têm sido associados às sociedades do Golfo do México no Mardi Gras desde o século XIX.

FÈT GHEDE: O DIA DOS MORTOS

Em Nova Orleans, depois da festa de São João no dia 23 de Junho, a outra festa mais importante é o Fèt Ghede. No Haiti, esta festa é a mais amada, a mais louvada e pessoas viajam muitos quilômetros só para participar dela. O Fèt Ghede supera em popularidade qualquer outra Fèt que acontecer no ano. Nos EUA ela só iguala com a festa de São João. O Fèt Ghede pode ser uma grande cerimônia pública, com inúmeros convidados, pode ser algo mais particular entre amigos, pode ser uma ação de graças feita em louvor dos mortos ou pode ser um simples ritual do vèvè, bem feito e com devoção. Pouco importa como vai ser o Fèt Ghede de cada Voduísta, a grande questão é que no dia dois de Novembro todos os Voduístas se conectam pelo mesmo ritual, a mesma intenção: louvar os mortos, os antepassados, pedir saúde, vida longa, alegrias, dinheiro, proteção e, por que não, um ano cheio de sexo sem compromisso. Como dizem os Ghedes: *a vida é curta para ser vivida na vontade!* No Fèt Ghede, qualquer pessoa pode ser possuída por um Ghede, até mesmo os cristãos que aparecem para protestar contra o ritual, para a vergonha deles. No Haiti o Fèt acontece nos principais cemitérios, e os templos preparam muitas oferendas de comidas e bebidas para receber a legião de pessoas possuídas por Ghedes, que saem caminhando pela cidade e vão parando nos templos para se alimentarem. Em Nova Orleans, o Fèt Ghede acontece nas casas e templos dos Voduístas, e apenas os Ghedes daquela comunidade costumam aparecer para serem alimentados. Você como um Sevitye deve realizar sua Fèt Ghede, nem que seja uma oferenda simples aos Ghedes e deixar do lado de fora de sua casa, para quando eles passarem – em espírito, claro – possam se alimentar e trazer muita energia positiva na sua vida.

Realizando um Fèt Ghede

Para quem quiser realizar um Fèt Ghede sozinho ou entre amigos, aqui vai um passo a passo do ritual como realizados em Nova Orleans. Um dia antes do Fèt Ghede, faça uma faxina no local escolhido para celebrar, podendo ser um cômodo ou uma varanda. Depois do espaço limpo, sem precisar usar o vèvè, alimente Papa Legba e peça para que ele permita que os Ghedes compareçam a sua festa, inclusive os Bawons e Brigittes. Quando a vela de Legba se apagar, descarte as oferendas da forma já aprendida no curso.

Comece a arrumar tudo na manhã do dia dois de Novembro, criando ali seu espaço sagrado como já ensinado na apostila três, tomando os banhos, abstendo-se de sexo e

álcool no dia e decorando o espaço com as cores preta e roxa. Você deve estar vestido de roupas claras, de preferência o branco, e usar uma Moushwa roxa na cabeça, em honra dos Ghedes. É um dia de louvar seus antepassados, portanto, reserve um local separado dos Ghedes para você alimentar seus antepassados, das formas já ensinadas no início do curso. Depois de cuidar dos antepassados, volte para o espaço dos Ghedes e faça o ritual do vèvè desenhando apenas o vèvè de Bawon. Músicas de Ghedes costumam tocar o tempo todo. Queime copal, mirra ou olíbano para manter o local protegido. Faça diversas comidas aos Ghedes, aquelas já ensinadas. Acenda as velas, faça as libações, arrume o altar, enfeite, sirva as bebidas e comidas. Rapidamente você começará a sentir algumas presenças, são eles se aproximando para se alimentar.

Você e seus convidados podem querer rezar juntos as rezas para Ghede. Todos podem querer dançar a banda, o toque tradicional dos Ghedes. As comidas servidas aos Ghedes são somente para os Ghedes, você e seus convidados podem ter uma mesa separada somente para vocês. Contar piadas sujas, falar sobre sexo, fazer confissões ou contar sobre situações engraçadas ocorridas na área sexual são formas comuns de passar o dia dos mortos no contexto Vodou. A energia dos Ghedes estará realmente presente. Mas atenção, não se empolgue e misture Fèt Ghede com orgia, pois não é disso que o ritual se trata. Os assuntos sexuais falados são de uma forma engraçada, divertida, apenas para rirem e se descontraírem com os mortos. Os presentes podem tomar um drink durante o ritual, nunca antes. Mas ninguém pode em hipótese alguma ficar bêbado. O Fèt Ghede pode durar o tempo que vocês quiserem e, quando as velas se apagarem, o ritual estará completo e as oferendas poderão ser descartadas, da forma já ensinada. As bebidas nos copos sempre serão descartadas em terra. Este foi um esboço básico de como uma Fèt Ghede pode acontecer nos EUA e até no Haiti, e desde que você não saia do contexto Ghede, pode organizar sua Fèt de acordo com suas possibilidades e gostos pessoais.

Voduístas solitários podem querer apenas limpar e purificar o local, fazer tomar o banho ritual, defumar o ambiente, fazer o ritual do Vèvè e alimentar os Mortos, passando um tempo ali na frente do Vèvè meditando, conversando e até contando piadas e falando sobre sexo com eles. Tenha certeza que você sentirá a presença de todos os que estiverem ali, saindo de dentro do Vèvè. E mesmo que você não puder fazer algo tão grande, pode alimentar eles ou simplesmente ir a um cemitério e colocar uma vela preta e outra roxa no cruzeiro das almas, em honra aos Ghedes. Para evitar a lotação, pode fazer isso no cemitério na semana do dia dos mortos, sem necessariamente ser no dia dois. O mais importante é o Voduísta se lembrar dos Ghedes e realizar um culto a eles, seja como for.

PRIS DE JE

O ATO DE VER OS ESPÍRITOS

Pris de Je ou simplesmente Je significa Presente dos Olhos. Je é entendido como uma maneira de ver várias realidades no mundo, isto é, a capacidade de ver conscientemente em dois mundos simultaneamente – o mundo material e o mundo espiritual. Acredita-se que o reino espiritual é paralelo a este, e o indivíduo com Je pode ver ambos simultaneamente. Todos os iniciados no Vodou deveriam ser capazes de desenvolver seu Je, para que possam servir suas Sosyetes através dele. Não é, entretanto, algo restrito apenas aos iniciados no Vodou, mas um fenômeno que pode ser inato a qualquer pessoa, independente de sua religião. Por exemplo, depois de uma longa noite de serviço Vodou em Souvenance, Haiti, nos anos 40, Odette Rigaud relatou ter visto Ghede comendo a comida preparada para Marasa. Quando Odette mencionou o fato, ela de repente resolveu negar, e culpar a imaginação por ter visto tal aparição. Um servo dos espíritos, também de Souvenance, disse que Odette tinha um "je bom", embora não acreditasse em sua visão, afinal de contas, ela era uma estrangeira.

Je é também um estado de ser, uma atitude espiritual. É a capacidade de manter-se num vazio onde os dois mundos se tocam, como num estado meditativo. Este "lugar do nada" é dito ser a entrada para Ginen e é onde Legba pode ser encontrado em estado de transe. A reclusão durante os ritos de Kanzo devem levar as pessoas ao estado de Je. Erroneamente, algumas pessoas dizem por aí que je é a quarta categoria iniciática de Kanzo, mas isso não existe, a terceira é a última iniciação. Entretanto, o desenvolvimento do je, quando é visto ou expresso durante o kanzo, costumamos aumentar em duas semanas ou um mês a reclusão da iniciação, pois pessoas que demonstram talento para o je recebem isolamento adicional para ver se o seu je melhora ou fortalece.

O indivíduo em questão seria mantido nesta longa reclusão sem contato com a família e nem com o mundo exterior. Durante esse tempo, apenas os sacerdotes mais velhos da Sosityete podem ter contato com eles, trazendo comida e cuidando deles. A reclusão é uma forma de privação sensorial e destina-se a facilitar a conversa com os espíritos. Durante o isolamento, a capacidade de uma pessoa entrar e sair do vazio aumentaria. Essa capacidade de se mover através do transe, sem o auxílio de tambores ou músicas, indicaria um forte talento para o je. A pessoa seria então muito apreciada na comunidade. E ele ou ela seria considerado digno de seu poder e capaz de levar sua grande responsabilidade para o bem de toda a Sosityete. Essa capacidade de “ver” significa falar aos espíritos em nome da comunidade. Tal presente não seria usado para propósitos egoístas, mas para o bem da comunidade como um todo. Como deve ter ficado claro, nem todas as pessoas tem esse fenômeno inato, e mesmo que tenha,

nem todas vai realmente querer desenvolver isso, sendo uma cerimônia opcional em “algumas” situações.

Como Melhorar o seu Je (Olho)

O Pris de Je é um dom que a pessoa nasce com ele e, através de rituais específicos, o Houngan ou a Mambo têm a capacidade de melhorar ele em você, treinando você para usa-lo com profundidade e total consciência. Mas há duas formas bem efetivas de melhorar a sua visão ou sua percepção dos espíritos que te acompanham e são pequenos rituais muito fáceis de realizar, devendo ser repetidos uma vez ao ano.

Material:

Pedaços de sua unha aparadas ou um pouquinho de fios de cabelo.

Algumas folhas de hortelã

Um saquinho feito de qualquer forma, em tecido verde claro, com unhas ou fios de cabelo dentro e as folhas de hortelã e amarrado com cordão vermelho.

Um copo virgem

Vinagre e suco de limão puro

Uma vela de sete dias verde clara

Modo de fazer: O ritual será feito em uma terça-feira, dia de Simbi. Prepare o saquinho como ensinado acima. Faça o ritual do Vèvè para um dos Simbis, qualquer um. Acenda a vela verde de sete dias no centro do vèvè. Coloque o copo ao lado, encha com a mistura de suco de limão e vinagre (qualquer vinagre!) e, segurando o saquinho verde com as duas mãos, faça um sinal como se fosse uma encruzilhada no ar e passe o saquinho simbolicamente pelo meio dessa cruz, colocando ele direto dentro do copo com vinagre e limão. Feito isso, reze para um dos Simbis de sua preferência. Deixe ali até a outra terça, sem desmanchar o ritual e nem o vèvè. Se por vento ou acidente o vèvè se desmanchar, não tem problema, deixe ali do mesmo jeito. Na outra terça, leve o que sobrou da vela, leve a farinha do vèvè, o copo e o saquinho e deixe na beira de um rio, uma represa ou aos pés de uma árvore bem escondida. É um ritual simples e que pode te ajudar a se aproximar das sensações de suas Loas.

Segundo Método: consiga um alface d'água, erva sagrada para Simbi. Acenda uma vela verde clara e usando um pilão faça o seguinte líquido mágico, enquanto reza para um dos Simbis (qualquer reza ensinada na apostila deles): água mineral, folhas do alface d'água, pétalas de rosa branca e suco de um limão. A consistência é levemente pastosa. Tome um banho de arruda e água, da cabeça aos pés. Então esfregue essa mistura mágica na sua cabeça, e enrole uma Moushwa verde clara ou branca. Vá dormir. No outro dia, recolha os resíduos da mistura que ficou na sua cabeça e entregue em uma encruzilhada ou em um rio ou aos pés de uma árvore. Claro que antes de ir entregar, você pode lavar sua cabeça normalmente e se pentear.

A INCORPORAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Posse ou incorporação é a tomada do controle de um corpo humano por um espírito ou uma Loa, e é um elemento comum das religiões tradicionais africanas e suas ramificações, incluindo todas as expressões do Vodou. Alguns praticantes do Hoodoo dos EUA também reivindicam obter seus poderes mágicos vindos de espíritos que os possuem.

Durante a posse, o hospedeiro assume um papel passivo e perde sua agência sobre o próprio corpo. O espírito ocupa o corpo do hospedeiro e o anima, passando a existir ali um deus e não mais a pessoa propriamente dita. Posse é teoricamente possível por causa do conceito psicológico de dualismo, isto é, a separação dos aspectos físicos e espirituais que dizem residir em uma pessoa. As pessoas que estão possuídas relatam entrar em transe. Indivíduos prestes a entrar em transe de posse podem sentir uma escuridão descendo sobre eles. Outros sintomas de possessão incluem movimentos corporais estranhos, como convulsões, tremores e contorções, e a produção de sons incoerentes. Dançar por muito tempo também pode ser sintomático da posse, facilitando o transe. Na verdade, o transe é um estado mais consciente no qual a pessoa sabe o que está acontecendo, embora não tenha muito controle de tudo. O Transe seria o primeiro estágio da posse, e a posse em si é um estado mais forte, no qual a consciência é bem limitada, não raro chegando a ser inconsciência total.

A possessão de espíritos pode ser um dom e um fardo. É uma experiência sensual (palavra relacionada ao toque físico) e dá poder, incluindo o poder social que permite que aqueles que são escolhidos pelos espíritos sejam possuídos, mas também acabam sendo drenados por eles, desgastando bastante o físico. Normalmente, as pessoas que estão possuídas pelas Loas não estão cientes – ou quase não estão cientes – do que está acontecendo com elas no momento, mas depois, muitas pessoas relatam sobre o ocorrido, todos encantados com o fenômeno e agradecidos pela ajuda. A possessão do Espírito é frequentemente vista como o chamado religioso para os Sacerdotes ou Sacerdotisas do vodou; ser possuído faz parte de sua iniciação na fé, embora não seja obrigatória, a maioria dos iniciados terá essa experiência. A posse geralmente é a principal forma de os espíritos se comunicarem com os vivos durante as festividades e cerimônias.

O ritual de vodou mais famoso da região de Nova Orleans, a já mencionada Cerimônia da Véspera de São João (St. John's Eve), é uma cerimônia que foi relatada como tendo posses espirituais frequentes. Esta festa, que é celebrada anualmente no dia 23 de Junho no Bayou St. John em Nova Orleans, mas também é celebrado por Voduístas em todo o mundo, é repleta de posses, até mesmo de pessoas sem relação com o Vodou. A cerimônia geralmente inclui fogueiras, dança, bateria, canto e festa. Os participantes

oferecem oferendas na forma de comida, vinho, flores e perfumes para atrair os espíritos. A cerimônia é presidida por um Sacerdote ou Sacerdotisa que normalmente será possuído por espíritos durante as celebrações. Quando uma Sacerdotisa ou Sacerdote está quase para ser possuído, ele ou ela às vezes dançava como se estivesse em transe por um longo tempo, até começar a fazer sons estranhos e ter os primeiros sinais de convulsão. Geralmente, embora não seja uma regra, o Houngan ou a Mambo são os primeiros a incorporar, e a Loas deles é que vai “puxar” os outros espíritos para a festa.

No início, o Vodou era uma religião centrada nas mulheres, e as pessoas que normalmente sentem o puxão do mundo espiritual são frequentemente mulheres. Marie Laveau era uma famosa sacerdotisa vodou do século 19 que presidiu muitas cerimônias, especialmente danças na Praça do Congo em Nova Orleans e nas reuniões da véspera de São João. Durante estas cerimônias, testemunhas relataram que Laveau dançava com uma cobra, em um movimento oscilante, sem que seus pés deixassem o chão. Aqueles que a observavam muitas vezes se sentiam hipnotizados e começavam a dançar também. Laveau acabaria por entrar em transe por uma de suas principais divindades além de Freda, o Grande Espírito da Serpente chamado Grand Zombi, que assumia seu corpo e, a partir desse momento, o transe por diferentes espíritos era geral. Na época de Laveau, manifestar um espírito e fazer os seguidores entrarem em transe em praça pública era algo para poucos, e somente alguém com o poder e influência de Laveau conseguiria fazer tal coisa sem muitos problemas. Dizem que Laveau fazia seus Gris-Gris enquanto estava em transe com Grand Zombi.

A posse no Vodou é normalmente considerada uma bênção e não uma maldição; é simplesmente a maneira que o mundo espiritual se comunica com o mundo vivo, tomando nossos corpos emprestados. Para se manifestar, os espíritos descem durante as cerimônias de adoração e possuem uma pessoa – e às vezes várias pessoas – na congregação. Ofertas como comida e vinho são oferendadas durante as cerimônias para atrair a atenção da Loa. Cantar, tocar atabaques, dançar, bater palmas e rezar também são aspectos importantes das cerimônias, que invocam os espíritos e ajudam a colocar os participantes em transe. Qualquer pessoa presente em uma cerimônia de Vodou pode ser possuída por um espírito, pois a possessão não é reservada somente para Sacerdotes ou Sacerdotisas. No entanto, os espíritos escolhem apenas aqueles que são dignos de posse. Uma cerimônia que engloba posses frequentes é considerada bem-sucedida.

Posse tem sido descrita por aqueles que afirmam ter experimentado isso como desistir do controle completo do corpo. Certa vez, um Voduísta descreveu o sentimento de posse como o equivalente a *“entregar as chaves do seu carro ao seu bom amigo e esperar que o carro não volte batido ou riscado”*. Os Voduístas descrevem a alma da pessoa como deslocada por um deus durante a posse. Esse processo também é

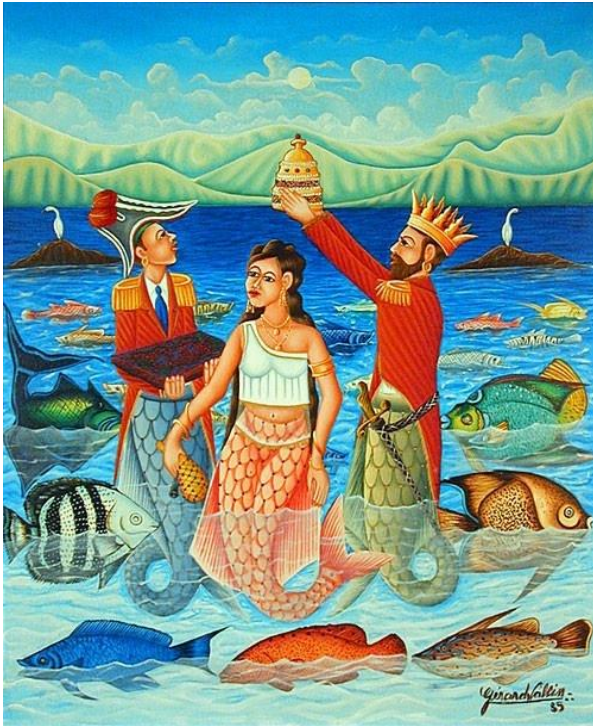
chamado de montagem, a ideia é que os possuídos servem como os cavalos dos espíritos e por isso são chamados de **Chwal**, Cavalo em crioule. Uma vez possuído por uma Loa, o corpo de um ser humano é usado pelo espírito, e a pessoa inconscientemente age de acordo com a Loa no momento. A divindade que possui a pessoa pode fazer a pessoa executar tarefas específicas, aconselhar espectadores ou profetizar o futuro, comer brasa sem se queimar, fazer wangs, fazer rituais, matar animais, dançar, comer, beber, rir, brincar com fogo, faca, agulhas, etc. Após o estado de transe de posse, o indivíduo possuído, às vezes, se sente exausto e não se lembra dos detalhes que ele ou ela experimentou.

A intensidade dos sintomas da posse varia dependendo do espírito que possuiu o corpo e da pessoa cujo corpo está sendo possuído. Os inexperientes tendem a ter sintomas de posse mais fortes e violentos, como gestos selvagens e danças frenéticas, do que aqueles que já experimentaram isso antes. Loas mais gentis causam sintomas mais suaves de posse do que Loas mais ferozes. Essas Loas mais tranquilas tomam posse de nosso corpo sem a gente perceber, é muito rápido e tranquilo, mas cansa bastante. Já as Loas mais ferozes podem até nos machucar seriamente se não tiver pessoas qualificadas por perto para conter as convulsões. Outros males ainda piores podem acontecer, dependendo da Loa feroz a tomar posse de um Chwal.

Infelizmente, existem alguns membros da comunidade Vodou “são possuídos” somente por causa do suposto alto status social oferecido àqueles que são escolhidos para serem montados pelos espíritos, mas que de posse verdadeira, não têm nada. A fim de evitar a falsificação, os que se tornam possuídos são frequentemente solicitados pelo Houngan ou Mambo a passar por algum tipo de teste. Um teste comum é fazer com que o possuído beba uma bebida potente de rum e pimenta (Piman) sem demonstrar qualquer sensação de dor. Com sucesso, isso supostamente prova que a posse é genuína. O fenômeno da posse também ocorre em outras religiões, desde as antigas fés dos Gregos, Babilônicos e Egípcios até o atual Hinduísmo, Budismo, Cristianismo e seus transes, Islã e o Sufismo, só para citar algumas. O que vem nos corpos de seus servos e por qual motivo eles vêm, não importa, a questão maior aqui é levar em consideração que a posse espiritual não é uma coisa somente dos Africanos e suas ramificações.

BAK AGWE

O Barco de Agwe



O Bak Agwe (Barco de Agwe) é a maior cerimônia dedicada a Mèt Tèt e, por extensão, à todas as Loas do Mar. O Bak Agwe é celebrado todos os anos entre os dias 12, 13 e 14 de Dezembro. É a segunda festa mais apreciada do Vodun, sendo o Fèt Ghede a primeira. Nem todos os templos, entretanto, comemoram o Bak Agwe, uma vez que é uma das cerimônias mais caras do Vodun. O Bak Agwe começa no templo Vodun, na madrugada. O ritual do vèvè para Agwe e as Loas do Mar é feito. Canções para essas Loas, assim como os toques, velas, altares e danças são oferecidos para Agwe e Lasirèn. Um ou mais barcos, relativamente pequenos,

pintados de azul e branco, a palavra Imamou é escrita no(s) barco(s) e são decorados e preparados com muitos tipos de comidas e bebidas que são apreciadas por Agwe e pelas Loas do Mar. Como regra geral, as comidas e bebidas são as melhores que o dinheiro do Templo pode pagar.

Quando amanhece o dia, bem cedinho, tudo precisa estar pronto. Todas as oferendas, chocalhos, tambores, bandeiras de rituais, velas e o(s) barco(s) são levados para a praia. Os Vodunistas já chegam na praia cantando e louvando Met Agwe e Lasirèn, os tambores começam a ser tocados e os Chwal começam a incorporar essas entidades. Um ou mais barcos, de verdade, é alugado e fica a espera dos Vodunistas. Os barcos são abençoados, lavados com bebidas e evocação de Agwe. Após algum tempo de louvor, todos embarcam nos barcos, com as oferendas e tambores, e seguem para o mar, o mais longe possível da praia. Enquanto navegam para o Mar aberto, os toques e canções continuam e mesmo dentro do barco as pessoas incorporam Agwe e Lasirèn, que não raramente pulam no Mar para nadar. O Houngan ou Mambo de cada embarcação é responsável por cuidar dos médiuns, das oferendas, da ordem das canções e toques e obrigatoriamente mantém acesa uma lamparina para Agwe, feita em uma tigela de louça branca. Uma ovelha branca (às vezes pintada de azul) é levada no barco como oferenda.

Enquanto navegam, os Hounsis (iniciados do Templo) levam dois frangos brancos e dois pombos, cada Hounsi com um animal, que deverá ser levado segurando-o acima

das cabeças, como se as aves estivessem voando (vocês não podem imaginar a dificuldade disso!). Quando chega no ponto ideal, preces são feitas pelo Houngan/Mambo. Os tambores ganham força, as pessoas começam a incorporar as Loas, ali mesmo, no barco. Alguns templos sacrificam os animais e derramam o sangue no Mar, deixando os corpos afundarem. Mas a maioria dos Templos jogam os animais no mar ainda vivos, apenas os pombos sobrevivem. Os barquinhos com as oferendas são colocados ao Mar, e quando afundam simboliza que Agwe recebeu o presente. A histeria espiritual toma conta de todos no barco, muitas pessoas incorporadas pulam no Mar, o que causa muita preocupação. Apesar disso, raramente há relatos de afogamento. Muita música, tambor, rezas... enfim, chega um ponto que o ritual beira ao caos. Isso acontece porque Lasirèn e Agwe reinam no mundo da loucura, do êxtase e da mediunidade.

O simbolismo de ir em Mar aberto, ritualizar e voltar para a terra firme significa o ir até a cidade mítica de Ilê-Ifé, terra dos ancestrais, a primeira a ser criada no mundo, entregar oferendas aos Deuses do Mar e aos ancestrais que morreram afogados ou que tiveram seus corpos lançados ao Mar e então voltar ao mundo físico, representado pela praia. Os rituais continuam na praia ou no Templo, com incorporações, conselhos e banquetes, que viram a madrugada. O ritual chega a durar três dias em alguns Templos mais abastados. Ao se fazer esse ritual, acreditam que garantirá o apoio de Agwe e Lasirèn na vida mediúnica e financeira das pessoas. Templos que se encontram longe do Mar, podem até fazer uma festa no Templo em honra de Agwe, o que acaba sendo algo infinitamente mais simples, mas não sendo mais barata. Em uma conta rápida que fiz, hoje, dia 09 de Agosto de 2018, uma Bak Agwe simples ficaria em torno de uns 4 mil reais, senão mais. Isso é muito dinheiro para uma pessoa comum. Por essa razão, muitos Templos não fazem o Bak Agwe quando não conseguem arrecadar o dinheiro necessário no ano corrido.



Mèt Agwe se banhando no Mar e cumprimentando sua Mambo

APÊNDICE

AS LOAS “MENORES”

Eu acho que o termo “Loas menores” não é muito correto, pois dá uma sensação de estar diminuindo a importância desses Deuses em relação aos outros. São na verdade Loas menos cultuadas, pois não participam de todos os Templos Vodou, sendo mais comuns entre Sevityes ou Sosyetes muito específicas. Algumas dessas Loas menores aqui citadas podem ter muito mais importância em algumas Sosyetes do que em outras.

AGAOU: Agaou é um deus muito violento e um dos que você precisam evitar. Os terremotos e os sons assustadores associados às tempestades são causados por Agaou. Os transe induzidos por sua montagem são tão violentos que é comum haverem mortes associadas à sua brutalidade. Quando alguém está montado, tenta imitar os sons de trovão e tremores, pois Agaou é forte o suficiente para emitir sons sob a posse. A pessoa possuída continua repetindo: "Sou eu que quando rio a terra treme". Após o terremoto que assolou o Haiti em 2010, muitos haitianos capturaram Houngans e Mambos suspeitos de trabalharem com Agaou, ou suspeitos de irritarem o grande deus. Mais de 56 Houngans e 41 Mambos foram linchados pelos populares e os altares de Agaou destruídos.

BADE: No Vodou, Bade é a Loa dos ventos e tufões. Ele é o companheiro inseparável de Sogbo, deus dos raios. Ele também compartilha suas funções com o temido Agaou, que é outro espírito da tempestade mencionado acima. Sogbo, Bade e Agaou são os temidos deuses das tempestades, causadores de muitas desgraças pelo mundo afora.

BAKULU BAKA: É um espírito/Loa que caminha arrastando correntes atrás dele e é um espírito tão terrível que ninguém se atreve a invocá-lo, e os poucos que o fizeram foram mortos por ele. Seu habitat é na floresta onde as ofertas são levadas para ele em raros casos onde se é necessário acalmar esse espírito. Ele mesmo não possui o corpo de ninguém. Como ninguém quer chamá-lo e nem cultuá-lo, ele simplesmente aceita qualquer oferta que lhe for entregue na floresta. Mas se Bakulu Baka “gostar” de você, ele não o deixará em paz até que morra e se torne um de seus espíritos acorrentados.

BOSSOU KOBLAMIN: Este Bossou é uma loa tão violenta que é capaz de derrotar seus inimigos partindo eles ao meio e comendo suas entranhas. Ele só é muito popular em tempos de guerra. Ele protege seus seguidores quando viajam à noite. A aparência de Bossou Koblamin é a de um homem com três chifres; cada chifre tem um significado - força, selvageria e violência. Às vezes, Bossou vem em socorro de seus seguidores, mas ele não é muito confiável e não raro pode machucar seriamente quem estiver na frente, homens, mulheres e crianças. Quando um ritual é realizado para chama-lo,

Bossou aparece “quebrando as correntes nas quais ele está simbolicamente preso”. Imediatamente assim que ele chega ao Templo, ele recebe um porco, sua comida favorita. A cerimônia em homenagem a Bossou agrada sempre uma congregação porque permite que eles comam como nunca. Geralmente, um bom número de pessoas participa de tal serviço. Suas cerimônias não acontecem muito, pela segurança das pessoas.

BRISÉ: Brise é uma Loa das colinas. Ele é o chefe da floresta, enquanto Gran Bwa é a própria floresta. Brise é aparentemente muito feroz e perigoso. Ele se apresenta como um ser muito negro e com proporções muito grandes, fugindo totalmente da aparência de um humano. Apesar de sua aparência, Brise é na verdade uma alma gentil e que gosta de crianças. Brise às vezes assume a forma de uma coruja.

CHANGO: Também escrito como Xangô ou Sòngó, chegou a ter status de Loa da nação Nago até meados da década de 50, quando começou a cair em desuso e acabou sendo quase extinto do panteão. Hoje pouquíssimos templos o consideram. Era o deus da Justiça, dos Raios e do Fogo, considerado ter sido um Rei humano no antigo reino de Oyo, na Nigéria. Seus filhos são conhecidos por serem amantes infiéis, com o corpo sempre quadrado, como uma rocha. Agaou tomou seu posto no panteão, mas por este ser muito violento, acabou sendo pouco cultuado também.

CHARLO: Esta é também uma Loa comum somente nos EUA, e apesar dos esforços de muitos estudiosos do Vodou, pouco se sabe sobre ele. O que se pode afirmar com certeza é sobre sua característica de um menino bem jovem, cerca de 10 ou 12 anos, que ajudava nos ensinamentos dos Houngans e Mambos da antiga Nova Orleans. Sempre que um Voduísta dessa época via um menino pedindo algo na rua, eles davam, pois poderia ser Charlo testando a bondade deles, e contrariar Charlo é uma péssima ideia, pois ele pode atormentar bastante as pessoas. Para Charlo era servido água com açúcar e pão de gengibre.

DINCLUSIN E CHARLOTTE: Essas duas Loas estão entre os "mistérios" franceses. Pessoas montadas por esses deuses falam francês perfeito e parecem incapazes de falar crioulo normalmente ou corretamente. Chalotte frequentemente exige as formas mais rígidas de protocolo ritualístico. Dinclusin pode ser reconhecido por seu hábito de “embolsar” tudo o que lhe é dado, ficando com os bolsos cheios e mal podendo andar. Ele é um senhor de escravos, sendo branco e sempre com um chicote nas mãos. Ele coloca rum ou vinho em suas calças sem molhar elas. Não são Loas muito comuns hoje em dia, mas ainda aparecem em rituais mais rurais e antigos.

Dr. JOHN: Ele foi um homem negro livre que vivia e praticava Vodou em Nova Orleans. Ele tinha tatuagens azuis e vermelhas características no rosto. Era um baterista excepcional e um poderoso médico de raiz, cujo nome evoca os mistérios africanos e a magia Vodoun. Ele era considerado um tocador de atabaques sagrado nas cerimônias

de Marie Laveau. Apesar de alguns fatos históricos serem inquestionáveis, a lenda sobre seus poderes acaba confundindo a verdade histórica sobre ele. O Dr. John foi certamente uma pessoa importante e carismática na vida, dessa forma, na morte, sua lenda e vida o elevou ao status de Loa. Ele não pode ser Mèt Tèt e nem incorporar em ninguém, mas é cultuado para ajudar nas curas e para ensinar as pessoas a tocarem atabaque.

EZILI JAN PETWO: Uma Loa violenta que pertence à tradição Petwo. Jan Petwo é chamada para assumir a responsabilidade pelo templo onde os feitiços estão em andamento, principalmente quando há guerra entre diferentes Templos; embora ela seja uma entidade normalmente neutra, mesmo quando não é convocada, é dever dos devotos iniciados lembrar-se dela ao menos uma vez ao ano. Jan Petwo como protetora dos templos é muito poderosa; quando alguém ataca o Templo, rapidamente sente o poder dela contra eles. Jan Petwo gosta de ar fresco e água; assim como todas as Ezilis, ela é um espírito das águas, no caso de Jan Petwo, do mar. Ela gosta de perfume e loção - qualquer templo dedicado a ela geralmente cheira a loção, pois é jogado nas coisas que ela possui.

GRAND ZOMBI: Grand Zombi foi uma proeminente divindade do Vodou de Nova Orleans, conhecido como sendo uma Serpente branca (às vezes amarela) e era o deus da Magia Vodou, que ajudava Marie Laveau e outros praticantes a fazerem suas wangs, principalmente os Gris-Gris. Laveau o cultuava muito, tanto que ela deu o nome de sua serpente de estimação de Zombi, em honra ao grande deus. Mas, não sabemos mais nada sobre essa divindade além do exposto aqui.

JEAN MACOULOUMBA: É também conhecido como Caloumba ou Colombo foi uma Loa popular somente no Vodou de Nova Orleans. Infelizmente, sabe-se muito pouco sobre essa Loa. É conhecida suas aparições nas cerimônias de São João da Nova Orleans de 1893. Mas não temos certeza sobre sua função como parte do Vodou. Sabemos que ele estava associado com os jacarés e crocodilos, às vezes sendo representado como um homem negro com cabeça de crocodilo. Algumas poucas fontes existentes, afirmam que Jean Macouloumba era evocado nas cerimônias com o intuito de curar as pessoas, mas que apesar dessa qualidade, ele era um tanto temido.

JOE FÉRAILLE: Conhecido somente no Vodou de Nova Orleans, ele era uma representação do Ògún, deus iorubá da Guerra e do Ferro, misturado com o personagem *Casey Jones*, uma história popular e considerado um herói folclórico da ferrovia americana. Joe Féraille é visto como sendo a contraparte americana do Ogou Feray.

KRABINAY: Krabinay é uma Loa Petwo, que caminha junto de Kalfou e Marinette. Ele se veste de vermelho, gosta de cores vermelhas em tudo o que lhe é oferecido. As pessoas sob a posse de Krabinay costumam dar pulos gigantescos, quase

sobrenaturais. As pessoas são veementemente avisadas para manter distância de Krabinay, pois é um espírito extremamente cruel e sádico. No entanto, Krabinay por ser uma Loa absurdamente forte e um grande protetor do sacerdócio, ele é frequentemente cultuado por Sacerdotes, e sendo evitado por pessoas comuns. Krabinay é o braço direito de Kalfou, e o esquerdo de Marinette.

LINTO (Ghede): Linto é considerado um espírito extremamente infantil da família Ghede. Ele induz o comportamento infantil naqueles que ele toma posse, então essas pessoas começam a andar desajeitadamente, como se fosse um bebê que se esforça para ficar de pé. Ele balbucia, faz birra, baba e chora por comida, chegando ao ponto de ser extremamente irritante. Esse comportamento, apesar de quase insuportável, faz parte do “bom humor” de Linto, e tudo seria para fazer as pessoas rirem, mas nem sempre funciona. Justamente por esse tipo de comportamento, Linto é evitado ao máximo, pelo bem e saúde mental da comunidade.

MANMAN MAHI: Esta é uma Loa complexa de se entender. Até meio século atrás ela era temida como sendo um Djab que habitava a caverna de São Francisco, no Haiti. Após alguns “milagres”, foi se tornando cada vez mais popular e acabou se transformando uma Loa. Manman Mahi é considerada uma Loa Petwo, que ama brincar com fogo. Suas posses são muitíssimo violentas, geralmente machucando seus médiuns. Ela é conhecida em todas as expressões Vodou, mas é mesmo cultuada no Haiti, sua verdadeira morada. Manman Mahi é muito poderosa para ajudar seus servos a enfrentar situações difíceis. É bastante cultuada no Vodou Deka, embora não por todos os Sacerdotes Djakout.

MAPIANGUE (EZILI MAPIANG) (Ezili Mamadora ou Sugadora): Essa Ezili lida com a dor do parto e a proteção de bebês recém-nascidos e também os ainda não nascidos. Seus "cavalos" tendem a ficar em posição fetal ou em posição de parto e choram lágrimas de dor. Mesmo homens que manifestaram Mapiang em seus corpos, relatam uma dor que é como a sensação de estar sendo partido ao meio. Mapiang também ajuda durante a amamentação, por isso o seu nome. Em Nova Orleans, além dessa bela função de Mapiang, ela está associada à prostituição, principalmente a masculina e, por extensão, também a feminina. Dizem que o motivo disso é ela ser cultuada toda em vermelho, sua aparência bela e seu batom vermelho lhe renderam essas associações. Ela é considerada uma Loa menor por ser evitada por seus cavalos, que sentem tanta dor em suas aparições que acabam precisando de ajuda médica.

OBATALA: Obatala é a Loa do céu, do ar e de tudo o que é branco, inclusive o sêmen e os óvulos. Ele é a Loa responsável por formar os bebês no útero. Assim, Obatala é frequentemente responsável por defeitos congênitos. Ele também é chamado de rei do pano branco, e todos os seus seguidores e filhos usam branco, sendo a cor preta sua proibição. A comida favorita de Obatala são os caracóis comestíveis, folhas de boldo e milho branco. É visto como uma Loa velha, que caminha apoiado em um

bastão e se apresenta vestido com roupas femininas, pois em um de seus mitos, vestiu-se com as roupas de sua parceira para controlar os espíritos dos mortos, se passando por ela. Ela chegou e pegou Obatala no flagra, e sendo uma bruxa, ela amaldiçoou ele para que sempre usasse roupas femininas e lhe fossem sempre oferecidos itens e animais femininos. Obatala tem muita importância dentro do Vodou, mas atualmente é desconhecido casos em que ele tenha se manifestado em seus filhos em rituais.

OSSANGE: Também conhecido como Assonquer, era uma Loa comum no Vodou de Nova Orleans e provavelmente um conhecido de Marie Laveau. Apesar de ter sido muito famoso, muito pouco se sabe sobre ele atualmente, infelizmente. Mas é certo que se tratava de um espírito que trazia sorte financeira e ajudava em assuntos amorosos para seus devotos. Acredita-se que Ossange era um espírito do Mar, que acompanhava Agwe e seria o mesmo espírito que chamamos hoje de Ogou Ossange. Mas tudo é bastante incerto ainda. Sua última aparição em uma Fèt registrada foi em 1934.

PETITE PIERRE: Esta é uma Loa que todos os templos desprezam, pois só trás problemas aos presentes e costuma acabar com qualquer cerimônia. Ele é um espírito muito guloso e briguento, que sempre tenta brigar com o público. Ele xinga muito, quebra as coisas, machuca o médium no qual está, foge para a rua. Enfim, uma Loa a ser evitada!

LA BALEINE, MÃE DE LASIRÈN? Essas duas Loas são divindades marinhas, tão intimamente ligadas que são sempre adoradas juntas e celebradas nas mesmas canções, isso quando não são confundidas. Algumas pessoas dizem que La Baleine é a mãe da sereia LaSirèn, outras afirmam que La Baleine ele é seu primeiro marido; outros ainda afirmam que são nomes usados para a mesma divindade. A opinião popular diz que a sereia é casada com Agwe. Quando Siren aparece em um santuário, a pessoa possuída por ela aparece simplesmente no papel de uma jovem coquette mais cuidadosa com sua aparência e fala em francês, muitas vezes ofendendo os servos camponeses. Tanto a sirene quanto a baleia são frequentemente vistas como deusas da "classe alta", ou seja, protetoras de pessoas ricas. Atualmente é muito difícil definir claramente quem é La Baleine, mas a ideia que se tem dela, como uma monstruosa Baleia, vem de contos relacionados à bruxaria espanhola, na qual havia um ser monstruoso chamado de La Baleña, e esse mito influenciou a crença Vodou.

SHILIBO NOUVAVOU: Shilibo Nouvavou, também chamada de Grande Shilibo, é a Loa que se banha no fogo do sol. Apesar dessa qualidade solar, Shilibo é frequentemente vista como um espírito de poços, nascentes, riachos, lagoas. Ela é um espírito de água doce e considerado o aspecto feminino do sol. É uma Loa muito mais comum nos EUA. Shilibo está ligada a um estilo esotérico de magia e sexualidade sagrada. A Mambo Sallie Ann Glassman compara Shilibo a deusa Shakti, a energia cósmica primordial

feminina. Shilibo não é sincretizada com nenhum santo católico; em vez disso, a imagem bíblica à qual ela é comparada é do Livro do **Apocalipse, 12-17: a Mulher e o Dragão**.

Shilibo é um espírito de purificação. Ela é parecida com as impetuosas virgens na tradição de Astarte ou Inanna-Ishtar. Ela é virginal no sentido antigo, tradicional, não literal: uma mulher independente, sem vergonha de ser como é e que não deve explicações a ninguém. Uma de suas canções cita um antigo poema que diz: A Mulher Escarlate não é carmesim de vergonha, mas sim por causa de sua natureza ardente como o sol. A sexualidade sagrada, tão mal compreendida hoje em dia, é a religião de raiz mais primitiva da humanidade. Os vestígios sobrevivem ainda hoje. Shilibo Nouvavou pode ser comparada a Loa do Sagrado Feminino, e por sua característica tão europeia, tem sido ignorada no meio Vodou, ficando como uma Loa menor. Seu vèvè é uma estrela de Davi, o hexagrama, dentro de um círculo, normalmente com um **G** inscrito no meio.

SOBO: Não confundir com Sogbo. Esta é a Loa da força. Sobo é muito poderoso e bem conhecido por sua bravura como guerreiro. Quando ele possui alguém, essa pessoa costuma vestir-se como um general do exército. Quando ele se dirige à congregação durante a posse, é como um general dirigindo-se a suas tropas. Sobo é considerado uma figura importante na mitologia do Vodou. Ele é o símbolo da força, o ideal dos sacerdotes Vodou que querem ser figuras respeitadas em suas comunidades. Por causa da força que ele trás para seus seguidores, a presença de Sobo é continuamente solicitada para trazer segurança e proteção à toda a Sosityete. Aquele que está com Sobo está protegido contra espíritos selvagens. Sobo é o único capaz de enfrentar Kriminèl e Marinette, contanto que você mereça essa proteção. Sobo só é considerado uma Loa menor por ser de acesso mais restrito aos iniciados, embora ele possa ser acessado por Sevityes comuns.

SOGBO: Este é o deus do raio e o protetor das bandeiras. Sogbo é o irmão de Bossou Twa Kòn (três chifres). Sogbo é sempre acompanhado por seu companheiro Bade, que é a Loa dos ventos e tufões, e junto também de Agaou, o deus dos terremotos e tempestades. Sogbo também é considerado a Loa da justiça, aquela que pune o culpado lançando um raio na cabeça dele. Por isso, um Voduísta morrer com um raio é algo desagradável e gera muito comentário no velório.

TAUREAU-TROIS-GRAINES: Seu nome significa touro com três testículos. Esta Loa é um produto da imaginação fantasiosa do povo do Haiti e é considerada uma Loa crioula, pois nasceu no Haiti mesmo. Por fantasiosa, entenda que os Haitianos criaram com sua fé uma Loa que mais parece ter sido um Baka ou um Djab canonizado como Loa. Ele é uma Loa muito respeitada da região de Jacmel. Suas aparições são terríveis; as pessoas possuídas por ele são tomadas de raiva destrutiva e criam estragos por toda parte, a menos que sejam apaziguadas pela oferta de um punhado de grama que eles

mastigam de uma só vez. Durante o transe, eles gritam incessantemente. Esta Loa não é reconhecida no Vodou dos EUA.

A PARAFERNÁLIA DO VODU

Todo Voduísta, independente de seu nível, precisa ter suas coisas ligadas ao culto, pois essa organização pessoal e material é extremamente importante para uma melhor conexão com a religião. Pessoalmente falando, essa é uma parte que eu amo no Vodou, pois eu adoro toda essa coisa de material mágico de trabalho. Claro que um Hounagn ou Mambo tem muito mais parafernália do que um Voduísta comum ou solitário em sua prática. O que vai ser passado aqui é bastante opcional, e são materiais que podem ser conseguidos ao longo da caminhada do Voduísta. Ter objetos do Vodou separados dos objetos mundanos faz muita diferença no sucesso de seus ritos. Vamos a eles:

MOUSHWAS [muxuás]: São lenços, normalmente de cetim, mas qualquer outro material serve perfeitamente. A Moushwa na cor branca é obrigatória ter. Se for possível ter de inúmeras outras cores, de acordo com os espíritos que já conhecem e desejam trabalhar, melhor ainda. Usamos a Moushwa na cabeça, amarrada de uma forma simples, e tem a função de filtrar nossos pensamentos durante um ritual, evitando que energias contrárias nos influenciem. Outro uso de uma Moushwa é servir de toalha de altar provisória. Podemos amarrar uma Moushwa em nosso braço esquerdo e/ou direito para prender a energia de um espírito que sentimos por perto e prolongar essa energia por mais tempo. Podemos amarrar Moushwa em garrafas, facões, bastões, bengalas e em outros objetos, com a finalidade de colocarmos foco na energia daquela Loa em especial. Enfim, Moushwas são muito úteis! Uma dica: não misture as Moushwas. Quando uma delas pertence a uma Loa, então somente pode ser usada por aquela Loa ou por você quando estiver cultuando a Loa em questão. A medida da Moushwa mais tradicional é um tecido qualquer com 1 metro quadrado, mas você não precisa se prender a esse tipo de detalhe.

ROUPAS BRANCAS: Só para não complicar, qualquer tipo de roupa clara, podendo ser qualquer modelo de roupa, servirá para o trabalho Vodou. Em templos é mais indicado os homens usarem calças ou bermudas abaixo do joelho e mulheres usarem saias longas. Tenha uma roupa branca ou bem clara para seus rituais. Os Radas preferem, os Petwos aceitam de bom gosto o uso de roupas brancas. Mas para Petwos, cores como o vermelho e roupas bem coloridas podem ser usadas, assim como para um trabalho com os Ghedes você pode usar branco, preto e roxo, ou uma dessas. Os trabalhos Vodou costumam ser realizados descalços e nenhum colar ritualístico é usado, a não ser que seja por vaidade.

KWA KWA: Sobre o chocalho já foi discutido lá nas primeiras lições, é um item opcional, mas pode ser legal ter um para se comunicar com as Loas.

UMA CANECA ESMALTADA: Qualquer outro recipiente serve, mas comumente usamos uma caneca esmaltada que terá a única função de fazer libações no início do ritual. Separe esse item somente para essa finalidade.

DUAS BACIAS ESMALTADAS: Uma dessas bacias é usada para colher as libações feitas, pois é mais comum libarmos diante das Loas, de forma que o líquido caia na bacia, e no final do ritual derramamos esse líquido em terra. Essa é a forma mais correta. A outra bacia será usada somente para você fazer seus banhos mágicos, para mais nada. Claro que você pode usar outros tipos de material, mas eu citei as esmaltada por durarem a vida toda, não serem caras e são os padrões usados no Vodou.

VELAS: Sempre temos muitas velas guardadas. As velas brancas não podem faltar, pois servem para todos os fins. As velas coloridas devem ser escolhidas nas cores das Loas que fazem parte do seu culto pessoal, ou seja, de nada adianta ter velas rosas se a pessoa não vai trabalhar com Freda. No Vodou usamos muito as velas de sete dias por serem mais econômicas e durarem muito. Mas as velas comuns, velas pequeninas, velas gigantes de vinte e um dias ou mais podem ser usadas. Escolha a vela que melhor se adeque a suas necessidades. Velas artesanais, com ou sem perfume, podem ser usadas no Vodou sem problemas. As velas bicolor também pode ser usadas.

POTES DE VIDRO: Se tem algo que um Voduísta precisa muito é de Potes de Vidros. Usamos sempre de vidro para que o material seja neutro em relação as ervas, além de terem a praticidade de ser transparentes. Potinhos de plásticos costuma mudar o cheiro das ervas a longo prazo. Esses potes de vidro servirão para você organizar suas ervas, pós mágicos, terras, raízes, resinas, ossos, farinha, cascarilla, etc. É só etiquetar e a vida do Voduísta flui.

GARRAFAS: Vodou e Garrafas vazias, nada mais útil. Se as garrafas forem com rolha, mais charmosas ficam e, além de sua utilidade, acaba decorando o espaço do Voduísta. Não precisa ser muitas garrafas, o tamanho delas também pouco importa. Usamos elas para guardarmos nossos óleos mágicos e outrod líquidos que serão úteis no futuro, inclusive água de chuva, de mar, de rio, etc.

PANELAS: Em um templo Vodou temos muitas panelas, cada uma com uma utilidade dentro do culto. O Sevitye não precisa de nada disso. Mas pode querer separar uma panela e uma frigideira somente para o uso no Vodou. Isso é totalmente opcional e vai de cada um.

FACAS: Em um contexto de templo, temos muitas facas diferentes, cada uma para um uso específico e que não podem ser misturadas entre si. Mas o Sevitye só precisa de uma faca, que seja boa de corte. Ele usará esse item somente no contexto Vodou, para mais nada além disso. A faca aqui é usada para fazer as comidas das Loas, como cortar batata, carne, etc.

COLHER DE PAU: A madeira neste caso é preferível, ao contrário do pilão. A colher de pau é um item muito barato, e é usado na culinária vodu por ser um elemento sagrado, vindo de Gran Bwa (da madeira!). Tenha na sua cozinha e mantenha o uso dela somente para a comida das Loas.

PILÃO: Usamos o pilão de madeira, apenas por ser um objeto bonito. Qualquer pilão de qualquer tamanho pode ser usado por vocês, lembrando que o único uso dele será para magia.

PRATOS E TIGELAS: Quando temos um altar, esses itens usados ali para servir aquele espírito costumam ser objetos somente daquele espírito. Normalmente que nem todos podem gastar com esses objetos em demasia, que seria o seguinte: três pratos e três tigelas para cada altar, no mínimo! Se for o seu caso de poder dar a cada espírito que quer cultivar seus próprios pratos e tigelas, ok. Mas se você prefere economizar, você pode comprar pelo menos três pratos e três tigelas, podendo ser de louça ou os pratos esmaltados e definir para usar para qualquer Loa, de acordo com seu culto do dia. Não tem problema algum em fazer isso.

RESINAS: Costumamos ter diferentes tipos de resina, pois elas possuem diferentes usos. A mirra e o copal, por exemplo, são bons para louvar os Ghedes; enquanto o palo santo e a resina de Sangue de Dragão são perfeitos para as Loas Serpentes. Entretanto, se você tiver resina de Olíbano, também chamado de Franco incenso, você terá nas mãos uma resina usada para qualquer situação e qualquer Loa. Tenha um pratinho, um copinho, ou um recipiente qualquer para queimar o carvão com segurança.

INCENSOS: Incensos de vareta são muito usados no Vodou, pois são baratos e práticos, inclusive o incenso de vareta de mirra, olíbano e benjoim podem ser usados à vontade. Freda prefere cheiros doces; Danto gosta dos incensos mais fortes; Damballah e Lubana não gostam muito de incenso, evite. Para Simbi, cheiros cítricos como hortelã, menta, limão, capim limão, etc. Incenso de café para Legba pode ser uma grande ideia, embora ele vá ficar feliz com qualquer aroma. Qualquer Loa Petwo vai ficar feliz com cheiros fortes, como rosas vermelhas. As Loas Radas preferem cheiros mais suaves e adocicados. Mas se você errar na fragrância, nenhum problema vai acontecer, então fique tranquilo. Apenas não acenda incensos para Damballah e Lubana, velas perfumadas tudo bem, mas incenso nunca, a menos que seja indicação de uma wanga. Tenha um incensário para as varetas, qualquer um.

VASOS COM PLANTAS: Se possível, ter vasos com plantas mágicas pode ser bastante prático para o Voduísta, pois nem sempre as plantas desidratadas são a melhor escolha. Plantas como Manjerição, Arruda, Pimenta, Alecrim, Rosas, Hortelã, são muito usadas, entre outras que serão aprendidas nesse curso. Claro que você não é obrigado a ter tais vasos, mas pode facilitar muito sua vida.

DECK DE TAROT: No Vodun, ter um Deck de Tarot em mãos é extremamente útil, mesmo que você não saiba usar o deck da forma tradicional, aprenderá neste curso como usar ele do ponto de vista do Vodun, para se comunicar com os espíritos.

ALFINETES COM CABEÇAS COLORIDAS: Vodun e alfinete formam um belo casamento. Qualquer tipo de alfinete, agulha e até pregos são úteis ter em mãos. Mas os alfinetes de cabeça colorida são muito empregados justamente por suas cores terem significados nas wangas que fazem uso desses objetos. São facilmente encontrados e em alguns casos podem ser reutilizados.

PAKET KONGO: Paket Kongo é o nome dado aos pequenos pacotes de ervas e outros itens amarrados e que são usados para cura, fortuna e sorte. A feitura de um Paket Kongo requer um conjunto de itens, lantejoulas, alfinetes, fitas, barbante, fios, penas e espelhos. Cada um é uma bricolagem de elementos que tem um propósito espiritual. São usados para cura, empregos, amores perdidos, saúde e riqueza. Eles são semelhantes aos *nkisi*, pacotinhos de poder do Kongo que são frequentemente amarrados e com diferentes itens para manter a energia dos espíritos dentro.

Alguns dos Paket Kongos mais poderosos são amarrados pela Loa durante as noites do segredo ritual de Bat Ge, parte do ciclo Kanzo. Grosso modo, um quadrado de cetim é preenchido com ervas especialmente energizadas, águas abençoadas, perfumes, óleos, e muitas substâncias específicas para o propósito do pacote. O material é então reunido em um pacote, e o pacote é firmemente amarrado, enquanto o Houngan ou Mambo canta sobre o trabalho. Uma vela é acesa e o pacote é passado sobre as chamas para "aquecê-lo" e fazê-lo funcionar mais rápido.

A maneira pela qual alguém vincula um pacote pode revelar seu propósito. Os Paket Kongo masculinos são sempre amarrados com um fundo redondo e um topo vertical rígido, simbolizando um pênis e o escroto. Eles são firmemente enrolados com fita e cobertos com penas, reais ou artificiais. O objetivo é dar ao pacote o poder de estimular sua energia. Os Paket Kongo femininos são amarrados com dois ou mais braços curvando-se suavemente para baixo e, em seguida, presos ao fundo maior do corpo do estojo. Simboliza um útero e suas trompas. Mas atualmente a imagem é vista como a de uma forma feminina dançante, com movimento e energia em um fluxo constante.

ESPADAS: Como foi o caso em muitas culturas ao longo da história, espadas podem simbolizar poder e autoridade dentro do Vodun. Os laplas, que mantêm a ordem dentro do Templo, durante uma cerimônia, geralmente carregam uma espada ou facão. Também é comum as espadas pousarem sobre os altares das Loas, representando o poder e a autoridade delas. Algumas Loas – mais notavelmente Ogou e Danto – estão associados a espadas ou armas similares. Existem, claro, precedentes africanos e europeus para o uso de espadas como objetos rituais. Afinal, sociedades como o

Daomé valorizavam a guerra como instrumento de riqueza e expansão territorial. Figuras do deus daomeano Gu, deus da guerra e metalurgia, frequentemente aparecem carregando espadas. Como o nome de Gu indica, ele e seu equivalente ioruba, Ògún, serviriam de modelo para o Ogou do Haiti. Embora a espada de Gu tenha sido transformada em facão na iconografia de Ogou do Vodou, a personalidade guerreira simbolizada pela arma permanece intacta. Quanto a influência europeia do uso e simbolismo das espadas, podemos citar os maçons e a bruxaria europeia tradicional.

A HIERARQUIA E OS MEMBROS DO VODU

O Vodou é uma religião com uma hierarquia muito bem definida, e todos os membros da Sosityete podem ter diferentes utilidades que formam um equilíbrio de toda a Fanmi. A melhor forma de entender isso é imaginando que o Templo Vodou é um país, a Sosityete são as pessoas desse país, na qual cada uma tem uma função que faz o todo funcionar em equilíbrio. E o Vodou é uma religião que preza muito pelo equilíbrio, justamente por isso que as pessoas são escolhidas cuidadosamente. Vamos conhecer então quem é quem dentro de uma Sosityete:

O HOUNGAN E A MAMBO

São os Chefes dentro do Vodou, considerados a maior autoridade no meio religioso. Na linhagem do Ason são chamados de Houngan ou Mambo Asogwe e no Vodou Deka são chamados de Houngan ou Mambo Djakout, pois carregam um saco (Djakout ou Makout) dentro do qual há objetos para sua prática Vodou onde quer que vá. Ambos têm muitas responsabilidades e, apesar do alto título, na prática as coisas não tem tanto glamour quanto parece. O Houngan e a Mambo é responsável por toda a Sosityete Vodou, devem presidir as cerimônias privadas e públicas, devem comunicar com exatidão as mensagens dos espíritos e Loas, realizarem consultas, wangs, e intermediar quaisquer assuntos entre humanos e deuses. Outras obrigações dos Houngans e Mambos são: agir como juízes e executores em um problema interno do templo e sem correr o risco de ser injusto e conhecer a religião da forma mais completa possível para passar esse conhecimento adiante. Para se tornar um Houngan ou uma Mambo pode demorar de cinco à quinze anos, às vezes até mais, dependendo de vários fatores.

LAPLAS

O laplas é um dos vários cargos que podem ser mantidos por membros de uma Sosityete Vodou. Enquanto cada sosityete é liderado por uma Mambo ou Houngan, existem muitos outros papéis funcionais que ajudam o grupo a funcionar sem problemas. Um dos mais importantes é o das laplas, considerado um grau abaixo do Houngan ou da Mambo. O nome laplas vem dos franceses para "comandante geral do lugar". Essa pessoa, geralmente masculina, é a mestre de cerimônias e carrega uma

espada no início de uma cerimônia de Vodou. Juntamente com a Ren Drapo, ou Rainhas da Bandeira, seu trabalho é cortar as estradas metafísicas, abrindo caminhos para as Loas, para que possam entrar no Templo e tornar sua presença conhecida através do estado de posse. O laplas muitas vezes, embora nem sempre, mantém o posto logo abaixo de Houngan ou Mambo, e são pessoas com a 2ª iniciação completa, conhecido como Houngan Sipwen - Sacerdote “no ponto” - em uma Sosyete.

O laplas é também um assistente para a Mambo presidente ou Houngan da casa. Visto como um Sacerdote em treinamento, um laplas serve em muitas funções diferentes para ajudar a manter a Sosyete em perfeito equilíbrio. Os laplas podem usar os emblemas sagrados do sacerdócio, como por exemplo o Ason. Como os laplas costumam ser do tipo Sipwen, ele está aprendendo a trabalhar com um ason e a entender a comunicação desse chocalho com as divindades. Os laplas também podem carregar os kanzo kolyes, os colares sagrados dos iniciados; manter e cuidar dos kanzo pot tets dos iniciados; e ajudar a fazer banhos de ervas, bolsas mágicas e outros itens mágicos para a sua Sosyete. Finalmente, são os laplas que desenham os vèvès sagrados das Loas em fubá, criando a combinação certa de decoração e simbologia sagrada para a cerimônia daquela noite.

Nem todo iniciado Sipwen vai necessariamente se tornar um Laplas. As cerimônias para o grau de laplas são uma parte secreta das cerimônias chamadas kanzo. Uma pessoa que é anunciada como um laplas permanecerá nesse papel por muito tempo. Os laplas recebem um Ason ou Kwa Kwa de trabalho das mãos da Mamãe ou Papa kanzo, isto é, a pessoa que iniciou os laplas no sacerdócio. No grau de Sipwen a pessoa toma emprestado o Ason ou Kwa Kwa e, portanto, não pode possuir a peça real até que esteja pronto para levá-la plenamente como sacerdote da fé, somente na terceira iniciação, o Kanzo. Assim também acontece com os Laplas, que terão um chocalho ritual emprestado.

Os laplas também podem ter posições adicionais. Por exemplo, um laplas também pode ser um oungenikon. O oungenikon é o mestre do coro e tem um conhecimento enciclopédico das canções do Vodou. Dependendo de como a energia de uma cerimônia particular está fluindo, o oungenikon pode iniciar canções de poder, canções de calma, ou canções de oração com o coro, e os cantores são frequentemente, embora nem sempre, do mesmo nível dos tamboye, os tocadores de atabaque. Os laplas também podem ser um tamboye, embora essa combinação seja rara no Haiti. Nos Estados Unidos, onde não se encontram grandes grupos de famílias trabalhando durante os serviços, os participantes às vezes são chamados a fazer o serviço duplo ou até triplo. Em tais casos, servir como tamboye pode se tornar parte do papel dos laplas. Os laplas são simultaneamente servos dos espíritos, líderes do povo e membros importantes da Sosyete. Dessa maneira, o laplas aprende todos os papéis da Sosyete, tornando-o apto a se tornar no futuro um bom sacerdote Vodou.

As Ren Drapo, Rainhas da Bandeira, são duas mulheres que dançam uma de cada lado do Laplas, carregando uma bandeira cada uma delas. Essas bandeira normalmente são uma que simboliza a Sosyete e a outras que simboliza a Loa a ser louvada no dia ou a Loa dona daquele templo. A função das Ren Drapo é exatamente a mesma dos Laplas, abrir os caminhos para as Loas. No final da dança dos Laplas e Ren Drapo, o Laplas vai travar simbolicamente uma luta entre ele e o Houngan ou Mambo do local, sendo que no final o Ason ou Kwa Kwa vence a luta e o Laplas se ajoelha diante do sacerdote, que lhe tocará a cabeça com o Ason ou Kwa Kwa.

OUNGENIKON

A posição de Oungenikon pode ser ocupada por um homem ou uma mulher. Esses indivíduos são mestres da música, liderando o coro dos Hounsi em música e dança durante uma cerimônia Vodou. O título Oungenikon é da língua Fon. Ougeni é da língua Fon e significa saudar ou falar. A segunda parte, -kon, é atribuída as pessoas que fazem algo, que são especialistas em algo. E também temos o termo –jana, que se traduz como “cantar”, e também vemos o nome escrito como Ounjenikon. Assim, pode-se deduzir que Oungenikon ou Ounjenikon no Vodou significa “aquele que canta para saudar” os espíritos.

Oungenikons devem obrigatoriamente ter um conhecimento enciclopédico de dos trabalhos Vodou e das músicas relacionadas a cada um. Cada Nação de Loa tem seus próprios conjuntos de músicas, batidas de tambor e ritmos de dança. Os Oungenikons devem conhecer as músicas de todas as vinte e uma Nações e os ritmos e danças de bateria apropriados de cada espírito, para que possam organizar as músicas de forma apropriada para seguir os Reglemen, ou ordem cerimonial de serviço. Oungenikon deve conhecer e entender esses itens intimamente para poder mudar, evocar ou invocar qualquer coisa em seu repertório durante o curso da cerimônia Vodou.

As músicas variam de lugar para lugar. Os indivíduos podem ser raros fora de uma área específica, como o sul do Haiti. Uma música pode ser uma canção comum que a maioria das casas canta, mas usa melodias diferentes por trás das palavras. Eles podem ser transmitidos de geração em geração, ou podem ser inventados no local para preencher espaços vazios. Um oungenikon habilidoso pode misturar seu conhecimento de músicas com o de batidas e danças de tambores. Aqueles que são extremamente talentosos estão frequentemente em alta demanda para cantar em várias Sosyetes além dos seus, sendo pagos por isso.

O Oungenikon, junto com o coro dos Hounsi e os bateristas, cria um poderoso triângulo de energia, som e ritmo. Dizem que essa tríade de voz, mãos e pés é o poder por trás da experiência do Vodou. Compreender o significado de uma música, combinando-a com o ritmo de bateria correto, e liderar o coral cantando, é o que facilita a chegada da Loa em uma cerimônia. Todos os três pontos de energia devem

estar em sincronia, no entanto, para que a magia do Vodou aconteça num contexto de templo.

TAMBOYE

Tamboye é um dos nomes dados aos tocadores de atabaque dentro do Vodou. Podem ser em número de 1, 2, 3 ou até 5, 6 ou mais Tamboyes, dependendo do tamanho da cerimônia. O normal é que sejam três, mas nada impede que o número seja mudado. Os Tamboyes têm sua importância no culto, já que são eles os responsáveis pelos toques sagrados que atrairão as Loas para o Templo. Apesar disso, não são frequentemente vistos no Vodou dos EUA, já que as leis dos estados unidos controlam a poluição sonora. Neste caso, é muito comum os membros do Vodou dos EUA praticarem batendo palmas rítmicas ou usarem gravações para seus cultos. As gravações em mp3 também são muito comuns no Vodou do Haiti, principalmente quando vão cultuar os deuses fora de seu espaço ritual, como em uma viagem. Nem sempre os Tamboyes são iniciados Vodou, e é normal que nem sejam daquela Sosityete. Costumam ser pagos para tocar nos diferentes Templos, alguns mantendo status de Tamboyes Famosos.

OUNSI

Ounsi, também escrito Hounsi, é o título do frequentador do círculo interno em uma Sosityete Vodou. Ounsi vem da palavra Fon **houn**, que significa “espírito”, e **si**, que significa “esposa”. Assim, um Ounsi no Vodou é uma esposa espiritual das Loas. Homens e mulheres podem ser vistos como esposas dos espíritos, pois as Loas não fazem distinção entre os sexos. Não confundir o Ounsi com a situação de quem passou pelo Maryaj Loa, são situações diferentes.

Existem dois graus ou tipos de Ounsi. Há o Ounsi Bossale, que se traduz literalmente como um “Ounsi selvagem”. O que se entende espiritualmente é que essa pessoa não recebeu seu batismo no Sosityete. O servo selvagem não passou por rituais para equilibrar seus espíritos em suas cabeças. Eles podem participar de eventos domésticos, mas são limitados no que podem fazer dentro de uma Sosityete. Eles não podem tocar itens consagrados, como bandeiras e contas sagradas conhecidas como kolyes. Eles não podem entrar na câmara de iniciação, conhecida como djevo. Muitas vezes, eles são relegados apenas a tarefas domésticas, como limpar, varrer e buscar lenha. Dito isto, os bossales frequentemente formam um número desproporcional de servidores em uma determinada Sosityete Vodou. Podemos dizer que o Ounsi bossale é um nível abaixo dos Sevityes.

O outro nível é chamado de Ounsi Kanzo e é o segundo grau, indicando um servo que passou por ritos iniciáticos completos e é consagrado ao Loa. Normalmente passaram pela primeira iniciação, o Kanzo Semp e em alguns templos os que passaram por um Lave Tèt também são chamados de Ounsi Kanzo, caso continuem no templo como

filhos da casa. Como Ounsi Kanzo, eles realizam tarefas domésticas como varrer o Templo, preparar e servir comidas e anotar os recados das Loas para uma Mambo ou Houngan. O que os distingue é que seus espíritos foram formalmente “assentados” em suas cabeças, permitindo-lhes fazer muitas coisas que o Bossales não podem. Eles podem, por exemplo, lidar com os kolyes (colares sagrados) e limpar e servir os vasos sagrados do Kanzo, os Pòt Tèts. Eles podem entrar no Djevo durante um Kanzo para ajudar. O Ounsi Kanzo também pode se dedicar a papéis menores com a Sosyete, como cuidar das Loas, mantê-las com cigarros e bebidas, ajudar as outras pessoas quando estão manifestando suas Loas, e até incorporam suas Loas também para consultar os presentes. O Ounsi Kanzo feminino pode servir como Ren Drapo, ou Rainhas da Bandeira. Elas carregam as bandeiras de lantejoulas do ritual Vodou no início de cerimônias importantes, dobrando-as e guardando-as no final. Eles reabastecem oferendas, limpam altares e ajudam crianças e idosos da Sosyete. Ounsi Kanzo também costuram bandeiras de lantejoulas e decoram garrafas e preparam o mange lwa sagrado, ou comida para as Loas. Seus deveres sagrados também incluem compor o coro de cantores que são chamados a serviço da Loa. Ounsis Kanzo são os dançarinos, e eles podem ensinar os novatos e até alguns visitantes as danças complicadas, como Kongo e Igbo. Seu trabalho mais importante é oferecer-se como o chwal, ou cavalos, das Loas durante a posse. Os Ounsis são a espinha dorsal da Sosyete Vodou, nada é mais importante do que os Ounsis, que são insubstituíveis. Os Ounsi Kanzo estão um nível superior aos Sevityes.

O SEVITYÈ ou SÈVITÈ

Ambos os termos significam Servo ou Serva. A maioria dos Voduístas, tanto no Haiti quanto nos EUA são Sevityès, pessoas que tomaram o Vodou como sua religião, praticam o Vodou, estão ligados arbitrariamente a um Templo, conhecem o básico para se comunicarem com as Loas e terem sua ajuda e proteção. Muitas vezes, o próximo passo para um Sevityè é o grau de Ounsi Kanzo, mas muitas pessoas passam a vida inteira como Sevityès. O que difere os Sevityès dos Bòkòrs é o fato que eles seguem as regras comuns de um Voduísta padrão, enquanto os Bòkòrs e Sociers fazem tudo do seu jeito, sem se preocuparem tanto com as regras e éticas. O Sevityè não pode entrar em um Djevo, nem sacrificar animais e nem tocar nos objetos sagrados que não pertencerem a eles. Mas os Sevityès podem praticar seus cultos e wangs em seus Oगतwas pessoais, assim como podem ajudar amigos com suas magias.

OUTROS TERMOS ENCONTRADOS NO MEIO VODU

Aqui temos outros termos comumente usados no meio do Vodou, sem necessariamente serem parte do clero Vodou e sua hierarquia. São importantes para o aluno conhecer, pois poderão trombar pelo caminho esses termos.

DUAS CABEÇAS (TWO HEAD)

O termo duas cabeças (Two Head) normalmente se refere a um praticante de magia dentro de uma tradição afro-americana, especialmente, mas não exclusivamente, àqueles que são creditados com o poder da segunda visão. Historicamente, era um sinônimo comum para conjurador, médico de ervas, praticantes Hoodoo e afins. Como muitas outras palavras usadas para definir esse tipo de praticante, duas cabeças não é um termo específico do gênero masculino, podendo ser aplicado a qualquer pessoa.

Alguns escritores tentaram explicar as origens do nome esquisito. Um dos primeiros a fazê-lo foi M. S. Lea, um autor de literatura popular do início do século XX que morava em Washington, DC. Depois de aprender sobre o Hoodoo de uma trabalhadora doméstica mestiça, Lea perguntou mais a fundo e foi dito que os praticantes eram às vezes conhecidos como “médicos de duas cabeças”. A informante de Lea explicou o motivo do nome, dizendo: “conhecem os dois remédios do ki humano. Eles podem ver os dois lados, o espiritual e o físico.” Lea não conseguiu explicar o que os dois tipos de medicina e visão eram, mas, felizmente, Zora Neale Hurston elaborou sobre o assunto em seu artigo de 1931, “Hoodoo in America.” Segundo ela, duas cabeças queria dizer que o praticante era capaz de curar com ervas e com poderes mágicos, como se fosse dois corpos separados trabalhando dentro de uma mesma pessoa. Estudiosos recentes têm outras opiniões, como Carolyn Morrow Long, autora de *Mercadores Espirituais: Religião, Magia e Comércio* (2001), sugere que o nome se assemelha ao conceito haitiano de Vodou de “trabalhar com as duas mãos”. No contexto haitiano, o ditado geralmente se refere a uma Mambo ou Houngan que também pratica feitiçaria como um Bòkòr faria. Esta explicação é certamente muito boa e faz muito mais sentido. Um artigo de 2006 da Enciclopédia Greenwood de Folclore Afro-americano sugere que o título de duas cabeças poderia referenciar os laços de seus possuidores à segunda visão, que frequentemente incluía a suposta habilidade de predizer o futuro e ver fantasmas. O folclore afirmava que os bebês nascidos com uma membrana cobrindo suas cabeças possuíam a segunda visão. Pelo menos alguns praticantes do Hoodoo acreditavam que a presença da membrana, geralmente denominada de “Caul”, indicava que a criança teria dois espíritos. Esses espíritos eram o poder por trás das habilidades dos mágicos. Tanto os espíritos múltiplos quanto o próprio termo Caul poderiam explicar a origem de duas cabeças, uma explicação que também se encaixa nas vagas declarações que foram dadas ao Sr. M. S. Lea. O fato é que no meio Vodou ainda encontramos pessoas que usam o termo Duas Cabeças para se referirem aos praticantes de Hoodoo e outros feiticeiros que trabalham tanto para o bem quanto para o mal.

PRÈT SAVANN

Prèt Savann significa “Sacerdote no Mato” e é um termo que o aluno pode encontrar com frequência em músicas, rezas e conversas sobre o Vodou. Neste caso, vou evitar uma longa e desnecessária explicação e vamos direto ao ponto. O Prèt Savann se diz

um sacerdote católico, embora não reconhecido em uma igreja ou que seja um padre, mas que também pratica (escondido?) o Vodou, realiza casamentos dentro do Vodou, faz wangs e tudo o que um Voduísta depende para sua prática, mas que também não é iniciado no Vodou, ficando como se fosse um Sevitye. Como pode parecer, é uma figura contraditória, que fica exatamente no meio entre o catolicismo e o vodou. Na minha opinião, do mesmo jeito que os Houngans e Mambos usam o catolicismo nas práticas Vodou, o Prèt Savann usa o vodou nas práticas católicas.

A COZINHA SAGRADA

A cozinha sagrada, como já foi mencionada em outra apostila, segue algumas poucas regras que precisam ser observadas. Naturalmente, no templo Vodou seguimos mais regras, pois não é uma cozinha normal na qual as pessoas transitam ou batem papo. Mas o Sevityè pode seguir poucas regras e tornar sua cozinha sagrada no momento de fazer algo para as Loas. As comidas podem ser consumidas por pessoas (menos se for de Azaka!!!), mas antes de servir para as pessoas, a(s) Loa(s) precisa(m) receber o(s) primeiro(s) prato(s). Esteja extremamente limpo, de banho tomado e sem sexo por pelo menos 4hrs antes de fazer a comida. **MULHERES NO PERÍODO DA MENSTRUÇÃO NÃO DEVEM FAZER NENHUMA COMIDA E NEM ENTRAR NA COZINHA DURANTE O SEU PREPARO, MAS PODEM COMER A COMIDA DEPOIS DE PRONTA.** Você pode queimar um incenso que seja agradável a você, para limpar o ar de qualquer energia contrária. Você pode usar qualquer roupa limpa, mas dê preferência para as cores mais claras. Acenda uma vela branca e um copo d'água, ofereça para a Legba, faça três libações com a água e peça para que Legba esteja presente no seu ritual mágico de cozinhar. Use suas próprias palavras, seja espontâneo. Deixe a vela e o copo com água sobre a pia ou sobre sua mesa.

Cozinhar é um ato mágico, e é também algo pessoal. Portanto, por mais que você siga uma receita ao pé da letra, o ideal é deixar seu paladar e olfato de guiarem. Por isso é importante treinar as comidas antes de fazê-las para os deuses. Faça elas para você mesmo, acrescente o que você quiser nas comidas, dê seu toque mágico. Com o tempo, tenha panelas, utensílios e pratos e copos que serão usados somente na sua prática mágica. Colheres de pau são as melhores na cozinha mágica. Quem estiver assustado com o ato de cozinhar, fique tranquilo, acho muito difícil que alguém não tome o gosto pela cozinha quando começar a fazer para as Loas. É sempre tudo tão perfumado, e o prazer de ver pessoas e deuses apreciando nossa culinária mágica é imensurável.

TCHAKA

Embora o Tchaka, à vezes, também escrito como Chaka, seja a comida favorita e sagrada para Azaka, todas as Loas Rada, menos *Damballah, Ayida e Freda*, apreciam o Tchaka como oferenda. Você também pode oferecer o Tchaka aos espíritos Nagôs e aos Ghedes. Originalmente, essa comida pertence aos indígenas Taínos e Arawaks e através deles entrou para o culto Vodou. É um bom momento para lembrar que Azaka é muitas vezes considerado como uma Loa dos Taínos e Arawaks, e não exatamente da África. Muito se discute sobre isso! Há muitas receitas de Tchaka, e todas podem ser usadas. Esta é a receita mais básica, mais eficiente e é a mais usada nos templos Vodou.

Ingredientes:

½ Quilo de carne de porco ou carne bovina finamente picada

¼ xícara de azeite

1 (ou mais, se necessário) pimenta bem forte, picada

1 chuchu picado em cubos

1 tomate, sem pele e sem sementes, picado em cubos

2 xícaras de feijão vermelho (carioquinha)

2 cebolas brancas pequenas finamente picadas

2 colheres de sopa de manteiga com sal

3 dentes de alho bem picados

4 xícaras de milho seco sem sal (Pode usar o milho enlatado também)

Sal e pimenta a gosto

Ferva o milho, o feijão, o chuchu, o tomate e metade da carne de porco ou carne bovina em uma panela até que estejam macias (use apenas água suficiente para cobrir os ingredientes na panela e não adicione mais água durante o processo). Quando os ingredientes estiverem macios, estará pronta essa parte. Caso alguma água tenha ainda sobrado, escorra e a reserve.

Acrescente o azeite na panela do milho, feijão e carne e refogue a mistura. Adicione o alho e a cebola e a pimenta; misture o resto da carne (que não entrou na fase anterior). Adicione sal e pimenta a gosto. Cozinhe até que todos os ingredientes

estejam bem cozidos. Adicione a manteiga e mexa até derreter. Se o produto final da segunda panela estiver muito seco, misture pequenas quantidades de água da panela até que o resultado final esteja úmido e picante. A aparência final é de uma comida refogada, úmida e muito cheirosa. Você poderá fazer para as Loas e também poderá fazer para você mesmo comer. Lembre-se de que, caso esteja fazendo para Azaka, **NÃO EXPERIMENTE A COMIDA, FAÇA ELA COM UMA COLHER DE PAU E, AO SERVIR PARA AS LOAS, PRINCIPALMENTE AZAKA, NÃO COLOQUE NENHUM TIPO DE TALHER. SIRVA EM UM PRATO BRANCO OU EM UMA METADE DE CABAÇA (KWI). NÃO SE ESQUEÇA DESSE DETALHE, OU AZAKA PODE PENSAR QUE VOCÊ ESTÁ ROUBANDO A COMIDA DELE OU HUMILHANDO ELE PELO FATO DE NÃO SABER USAR TALHERES!!!!**

Acredite em mim, você não quer ver Azaka bravo com você! Caso a comida seja feita para outras Loas que não seja Azaka, você pode fazer ela normal e até experimentar, mas faça sempre com colher de pau. No caso de fazê-la para outras Loas (Azaka não!!!!)), poderá servir o primeiro prato no altar e consumir o Tchaka da panela, junto com toda a família e amigos. Aconselho que faça as comidas como teste, coma elas, pode acrescentar seus próprios ingredientes e dar seu toque especial.



Tchaka com uma pimenta decorando

GRIOT

Essa é sem dúvidas a comida mais importante e mais apreciada por Danto. É uma comida tipicamente haitiana, consumida desde antes da revolução. Você poderá fazê-la para apreciar junto com os amigos e família e também poderá oferecer o primeiro prato para Danto.

Ingredientes:

Pequena quantidade (menos de ½ xícara) de óleo vegetal (canola, soja, girassol, etc)

1/2 Quilo lombo de porco desossado, em cubos

1 limão

1 laranja ou laranja sanguínea

1 cebola grande

1 pimenta extremamente forte (scotch bonnet, habañero,

ou jalapeño são as melhores, mas qualquer outra da sua região serve)

1 pitada de tomilho (folhas frescas esmagadas são preferíveis)

Opcional: cal, laranja ou laranja de sangue adicional para lavar a carne de porco (ver instruções)

3 ou 4 chalotas (pode ser substituído por cebolinha)

½ colher de chá de pimenta do reino

½ xícara de água

Sal a gosto

Opcionalmente, você pode “lavar” a carne de porco antes de cozinhá-la cortando uma laranja ou uma laranja sanguínea ao meio e usar as metades como “escovas” para esfregar a carne; Se você optar por fazer isso, jogue a fruta fora quando terminar e use frutas diferentes para colocar durante a receita. Doure o porco em uma frigideira usando o óleo vegetal: tenha cuidado para não deixar o óleo vegetal ou a carne de porco queimar. Tenha separado uma xícara com suco de limão e de laranja, certificando-se de retirar as sementes ou polpa e pique a cebola e cebolinha para que você tenha aproximadamente ¼ xícara de cada. Divida a pimenta ao meio (não se esqueça de usar luvas e lave as mãos depois) e, em seguida, pique metade da pimenta muito bem. Uma vez que a carne de porco esteja completa e uniformemente dourada,

adicione a pimenta-do-reino, as chalotas picadas, suco de limão, suco de laranja, tomilho, sal, pimenta e água. Mexa a pimenta com cuidado. Deixe começar a ferver e então cubra, deixando ferver por uns 30 minutos em fogo baixo ou médio. Após esse tempo, tire a tampa da panela e aumente o fogo, mexendo frequentemente por mais 10 minutos, enquanto o molho engrossa. Use a metade da pimenta que você não colocou na receita como guarnição. Se algo na receita lhe é desagradável, mude. Você está livre para fazer a sua interpretação de Griot e tenho certeza de que Danto vai apreciar tanto quanto o dela. Sirva em um prato vermelho ou azul para Danto, ela vai amar sua dedicação.



Griot de Danto

SOUP JOUMOU

A Soup Joumou, ou Sopa de Abóbora, é considerada entre os Vodúístas como a sopa da sorte. Enquanto os brasileiros comem lentilha na virada do ano, os Vodúístas comem o Soup Joumou, para atrair dinheiro, saúde, amor, sorte, proteção, etc. A Soup Joumou é também comum nos rituais de ação de graças, é muito apreciada por Legba, Kalfou, Bossou, Danto, Azaka (não a experimente!!!!), todos os Ogous e todos os Ghedes.

Ingredientes:

½ Quilo de carne desossada (carne assada, guisado ou fajita)

½ Quilo de peito de frango desossados ou coxas, ou ambos

1 colher de sopa de vinagre branco (ou suco de limão)

1 Quilo de abóbora amarela ou abobrinha picada

400grs de repolho verde picado

3 cenouras grandes picadas

4 batatas grandes cortadas (qualquer tipo de batata)

1 cebola picada

4 cravos-da-índia

1 nabo grande (ou 2 nabos pequenos), picado

1 pimenta inteira (a mais forte possível)

100grs de espaguete ou aletria

Coloque o vinagre, a carne e o frango juntos em uma panela de pressão e cubra com água suficiente para ferver até ficar macio (1 ½ de cozimento). Retire qualquer gordura que ver flutuando. Adicione todos os vegetais em pequenos pedaços e deixe ferver (sem a tampa) por mais 30 minutos, ou até que os vegetais estejam muito macios. Retire do fogo e retire somente a carne da panela. Corte a carne em cubos e coe os legumes, poupando a água. Coloque os legumes de lado. Adicione a carne de volta à água na panela e leve para ferver. Coloque a pimenta junto, tomando muito cuidado para não quebrá-la, pois nossa intenção é o aroma, não o gosto. Adicione o espaguete e cozinhe de acordo com as instruções da embalagem. Uma vez que a massa esteja macia, adicione os legumes de volta à sopa, ferva mais uns 2 minutos e desligue o fogo, deixe esfriar um pouco e sirva.



Soup Joumou

LA BWI BANNANN E AKASAN

La Bwi bannann é algo entre um pudim e um mingau branco e bem cremoso e é apreciado por todas as Loas Rada, sem exceção. Tradicionalmente, fazer o La Bwi com a farinha da bananeira haitiana, mas eu garanto que o sabor é o mesmo com qualquer farinha de banana. Caso você queira fazer o Akasan, comida também muito apreciada pelas Loas, basta seguir a mesma receita, mas substituindo a farinha de banana pela farinha de trigo (Loas Rada) ou farinha de milho (Loas Rada e Petwo). Essa receita poderá ser alterada a seu gosto.

Ingredientes:

1 xícara de leite (100ml)

1 xícara de leite evaporado (100ml)

1 xícara de água (100ml)

3 paus de canela

5 anises estrelados

1 xícara de farinha de banana (farinha de trigo ou milho para o Akasan)

1 colher de chá de extrato de baunilha

1 colher de chá de manteiga sem sal

Açúcar a gosto

Ferva ambos os tipos de leite e água com o anis estrelado e paus de canela em uma panela, tomando cuidado para não deixar o leite queimar. Lentamente, misture bastante farinha para a mistura tornar-se espessa e, em seguida, adicione a baunilha e manteiga. (Para evitar caroços, misture a farinha em uma pequena quantidade de água fria primeiro, antes de colocá-la na panela fervente). Deixe sempre em fogo baixo e aqueça até a mistura começar a borbulhar, aproximadamente 5 minutos, mexendo frequentemente para evitar caroços ou chamuscar. Retire do fogo e deixe a mistura esfriar. Enquanto esfria, o La Bwi/Akasan vai continuar a engrossar e sua consistência final deverá ser entre pudim e mingau. Retire os pauzinhos de canela e anis estrelado e sirva. É muito saboroso! Se você fizer para servir para as Loas, deixe esfriar até a temperatura ambiente. Não o sirva à sua Loa nem quente e nem gelado. Você poderá substituir o leite evaporado por leite condensado. Se o fizer, tome cuidado para não ficar muito doce. As Loas vão também apreciar com o leite condensado. Não há nenhuma forma estritamente obrigatória de servir o La Bwi/Akasan para as Loas, podendo ser em pratinhos ou tigelas de louça, tanto faz. No contexto de templo e durante a iniciação, o La Bwi/Akasan são ofertados em folhas de bananeira, metade de

cabaças ou palha de milho. Qualquer outra receita de Labouyi Bannan/Akasan será aceita pelas Loas ou por você.



La Bwi Bannann, também chamado de Labouyi Bannann



Akasan

CAFÉ DE COCO PARA LEGBA E AZAKA

Azaka e Legba amam essa receita, que pode ser consumida por você também. Caso faça para Azaka, lembre-se de fazer SOMENTE PARA AZAKA, não experimente em hipótese alguma. Para Azaka, não use a pimenta. Sirva bem quentinho. Não se esqueça de fazer seus testes para essa receita, até ficar do seu gosto.

Ingredientes:

2 colheres de sopa de grãos de café moídos ou pó de café normal

1/2 colher de chá de pimenta vermelha (ou caiena) esmagada (não use pimenta para Azaka)

2 cravos-da-índia inteiros

1/2 pau de canela (ou um pequeno)

2 xícaras de água

1/2 xícara de leite de coco

2 colheres de sopa de mel

Coe o café normalmente, mas ao invés de fazê-lo somente com o café, combine o café moído, a pimenta, o cravo e a canela em um filtro de café colocado em uma cafeteira, de preferência, aquelas de gotejamento, mais antigas. Despeje a água fervendo sobre essa mistura. Enquanto o café é coado, aqueça suavemente o leite de coco em uma panela pequena em fogo médio-baixo. Junte o mel até estar totalmente dissolvido. Despeje o café na mistura e mexer bem. Sirva em seguida.



Café de Coco

BIFE PARA AS LOAS PETWO (principalmente Bossou)

Não só as Loas Petwo apreciam esse prato, mas também Legba, Azaka e todos os Ogous e Ghedes. Essa receita é normalmente servida durante o Kanzo, para alimentar os iniciados que comem carne.

½ Quilo de carne bovina cortada em cubos

2 colheres de chá de sal (menos ou mais, de acordo com o gosto pessoal)

Água para cobrir

¼ xícara de Óleo (qualquer tipo)

1 Cebola cortada em fatias finas

1 Pimentão vermelho e 1 pimentão verde picados

2 ou 4 dentes de alho picados

1 ou 4 pimentas vermelhas bem ardidas e picadas

2 xícaras de tomates sem sementes e picados

1 colher de sopa de vinagre de vinho tinto

Coloque a carne e o sal em uma panela grande e adicione água suficiente apenas para cobrir a carne. Deixe ferver em fogo alto, em seguida, reduza o fogo para baixo e deixe cozinhar descoberto, até que a carne esteja macia e a água esteja quase completamente evaporada, o que pode demorar de 45 minutos a uma hora. Enquanto a carne está fervendo, aqueça o óleo em uma frigideira em fogo médio. Adicione a cebola, os pimentões, o alho e as pimentas e refogue até que as cebolas e as pimentas estejam murchas. Adicione os tomates, vinagre, mais sal e pimenta a gosto. Reduza o fogo para baixo e cozinhe até que quase todo o líquido seja evaporado, entre 20 a 25 minutos. Adicione a carne nessa última mistura e deixe ferver por mais 20 a 30 minutos, adicionando um pouco de água, se necessário. Ajuste o tempero e sirva com arroz. Tanto você quanto as Loas vão apreciar esse prato haitiano.



UGALI (NSIMA)

O Ugali, também chamado de Nsima, é uma comida sagrada em alguns templos Vodú. Ele é servido para todas as Loas, inclusive os Ghedes e é também servido aos recolhidos no Djevo, que deverão comer usando apenas as mãos. Se o sabor é bom ou ruim, vai depender do gosto pessoal de cada um. Geralmente é servido com carnes.

ingredientes

4 xícaras de água

1 colher de chá de sal

2 xícaras de farinha de milho branca, fininha

Leve a água e o sal para ferver em uma panela de fundo grosso. Misture a farinha lentamente, deixando-a cair pelos dedos. Reduza o fogo para médio-baixo e continue mexendo regularmente, esmagando qualquer pedaço com uma colher, até que o mingau se afaste dos lados do pote e fique muito grosso, cerca de 10 minutos. Retire do fogo e deixe esfriar um pouco. Coloque o ugali em uma tigela grande e molde bolas, que serão então servidas às Loas ou pessoas. Nunca sirva o ugali com a mão esquerda, mesmo que seja quente.



Ugali (Nsima)

DIRI OLÉ

O Diri Olé é uma típica sobremesa caribenha e que é muito apreciada por todas as Loas. Ao oferecer ela para Damballah, Freda e Agwe, lembre-se de não polvilhar a canela em pó por cima, mas poderá usar a canela na receita. Você pode comer dessa receita também.

Ingredientes:

4 xícaras de leite

½ xícara de arroz de grão curto

1 pau de canela

2 tiras de casca de laranja ou limão (opcional)

1 pequena pitada de Sal

¼ de xícara de passas

½ xícara de açúcar

2 colheres de sopa de manteiga sem sal

1 colher de chá de baunilha

Coloque o leite, o arroz, o pau de canela, a casca de laranja ou limão e o sal em uma panela média e deixe ferver em fogo médio. Imediatamente reduza o fogo para muito baixo e cozinhe, mexendo sempre e raspando o fundo, cerca de 45 minutos. Adicione as passas e o açúcar e cozinhe por mais 15 minutos. Mexa frequentemente para não grudar no fundo. Retire do fogo e misture a manteiga e a baunilha. Ajuste o açúcar a gosto e sirva quente ou frio, polvilhando o topo com um pouco de canela em pó.



Diri Olé

SOS TI-MALICE

Diz uma lenda que o Sos Ti-Malice (Molho Ti-Malice) era a receita secreta do Ghede Ti-Malice, que costumava servir este molho picante junto com qualquer refeição para fazer com que seu amigo Ghede Bouki comesse menos, a fim de sobrar mais para Ti-Malice. Ironicamente, descobriu-se que Ghede Bouki amava o molho, e ele sempre comia tudo. Quanto mais pimenta Ti-Malice colocava, mais Bouki adorava.

Ingredientes:

3 colheres de sopa de azeite ou manteiga

2 cebolas picadas

4 a 6 dentes de alho picados

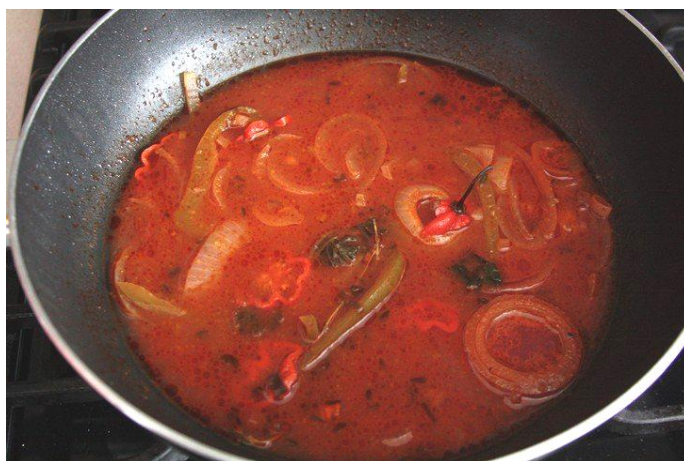
3 a 6 pimentas habanero ou Scotch Bonnet picadas (dependendo da sua tolerância)

1 xícara de suco de limão ou vinagre

½ xícara de água

Sal e pimenta a gosto

Aqueça o óleo ou a manteiga em uma panela média em fogo médio. Adicione a cebola, o alho e as pimentas e refogue até que a cebola esteja cozida e translúcida, mas não dourada, por cerca de 4 a 5 minutos. Acrescente o suco de limão ou vinagre e água e tempere com sal e pimenta. Deixe ferver, reduza o fogo e cozinhe por 5 a 8 minutos. Retire do fogo e sirva quente ou à temperatura ambiente sobre peixes ou carnes grelhadas. Este molho é servido com carnes para as Loas Petwo e Ghedes em geral, também é servido no Gad para a pessoa comer com frango. É absurdamente forte, portanto, caso faça para você mesmo comer, dose na escolha das pimentas. Qualquer tipo de pimenta vai servir ao Sos Ti-Malice.



Sos Ti-Malice

DIRI AK PWA

Nada mais tradicional na cozinha haitiana, sobretudo dentro do Vodou, do que o Arroz e Feijão. Essa é uma das muitas receitas de arroz e feijão haitiano, mas a sua receita brasileira serve perfeitamente para o consumo das Loas. Todas as Loas apreciam o arroz e feijão, que normalmente é servido com carne.

Ingredientes:

¼ xícara de azeite de oliva

1 cebola picada

1 Pimentão picado

3 a 4 dentes de alho picados

½ xícara de molho de tomate

2 xícaras de feijão preto ou comum cozido

1 colher de chá de tomilho

2 colheres de chá de orégano

1 folha de louro

1 xícara de arroz

¾ de xícara de água

1 colher de sopa de vinagre de vinho tinto

Sal e pimenta a gosto

Aqueça o óleo em uma panela grande em fogo médio. Adicione a cebola e o pimentão e refogue até a cebola ficar translúcida. Adicione o alho e refogue por mais 1 a 2 minutos. Adicione o molho de tomate, feijão e as ervas e cozinhe por 5 a 10 minutos para misturar sabores. Junte o arroz, a água e o vinagre e tempere bem com sal e pimenta. Deixe ferver, reduza o fogo, tampe bem e cozinhe por 15 a 18 minutos. Retire do fogo e deixe descansar por mais 5 a 10 minutos. Em seguida, mexa levemente com um garfo e sirva.



Diri Ak Pwa